



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ALICE DOS SANTOS COSTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA
CAIS DA SAGRAÇÃO, DE JOSUÉ MONTELLO**

Itapecuru Mirim - MA
2020

ALICE DOS SANTOS COSTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA
CAIS DA SAGRAÇÃO, DE JOSUÉ MONTELLO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como pré-requisito para a obtenção de título de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Me. Cinthia Andréa T. dos Santos

Itapecuru Mirim – MA
2020

Costa, Alice dos Santos.

A construção da identidade da personagem Lourença na obra Cais da Sagração de Josué Montello / Alice dos Santos Costa. – Itapecuru-Mirim, MA, 2020.

64 f

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Me. Cíntia Andréa T. dos Santos.

1.Cais da sagração. 2.Construção da identidade. 3.Lourença. I.Título.

CDU: 821.134.3(812.1).09

ALICE DOS SANTOS COSTA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA
CAIS DA SAGRAÇÃO DE JOSUÉ MONTELLO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como parte do requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Me. Cinthia Andréa T. dos Santos

Data: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Cinthia Andréa T. dos Santos

Esp. Ensino de línguas portuguesa, inglesa e espanhola
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

2º Examinador

3º Examinador

Dedico este trabalho *in memoriam* da minha mãe, Lucilene de Souza dos Santos, a quem eu amei e ainda amo muito, uma mulher guerreira e muito amada por toda família. Ela quem fez de mim uma mulher forte e batalhadora, amo-te demais, minha Mãe.

AGRADECIMENTOS

Para chegar a uma meta final deste trabalho e torná-lo exemplar perante os outros, utilizei não apenas artigos, livros e autores de grandes referências que foram de suma importância para esta análise, mas também precisei e contei com o apoio emocional da minha família e amigos, os quais foram de fundamental importância para minha base de autoestima.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar sempre ouvindo meus chamados e iluminando sempre meu caminho durante minha jornada acadêmica e na vida diária. Ele sim sabe o quanto batalhei para chegar até aqui.

Agradeço a minha mãe, Maria Antônia, que sempre acompanhou de perto toda minha trajetória durante o período em que frequentei a faculdade, ela quem só dormia depois que eu terminasse os trabalhos da faculdade e desligasse o computador, fazia-me companhia até tarde da noite para me dar força para que eu não desistisse e não me sentisse só durante a madrugada fria.

Agradeço ao meu irmão, Luan Daniel, pelo apoio que sempre me deu ao longo dessa jornada, era ele quem me levava para a universidade quando eu não tinha transporte, quando eu esquecia algum material de estudo, fazia questão de ir deixar, nunca se negou a me ajudar quando eu o pedia algum favor.

Agradeço a minha tia querida, Rosilene de Souza, essa sim me dá muita força mesmo morando longe, é aquele tipo de tia quase mãe, aliás ela é uma mãe pra mim, cuidou de mim como uma filha desde o dia que nasci e até os dias atuais, incentiva muito a mim e diz que eu sou o seu orgulho. Amo-te minha tia, você mora no meu coração.

Agradeço aos meus irmãos: Amanda, Vanessa e Ray Gleyson, a quem eu amo muito e que sempre estão ao meu lado para alegrar minha vida.

Agradeço aos meus professores e em especial minha professora orientadora, Cíntia Teixeira dos Santos, sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos e a nunca desistir por mais que a jornada se tornasse difícil, a quem tenho um enorme carinho e amizade.

Agradeço as minhas amigas Waldelice Matos e Rafaela Monteiro, sempre estiveram comigo nos melhores e piores momentos da faculdade, enfrentávamos juntas todos os desafios propostos pelos professores, uma sempre apoiando a outra e juntas permanecemos até hoje. Meninas, vocês moram no meu coração, nunca se esqueçam disso, sem vocês nada teria saído como saiu.

*Ninguém pode ser escravo de sua identidade.
Quando surge uma possibilidade de mudança
é preciso mudar.*

Elliot Gould

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise a respeito da construção da identidade da personagem Lourença pertencente a obra Cais da Sagração, de Josué Montello, uma obra que se encaixa na Literatura Maranhense. A escolha desse tema deu-se através de leituras e releituras da obra em questão. Ao longo das leituras percebeu-se o comportamento submisso dessa personagem em toda a trama em relação ao seu Marido (Mestre Severino), um barqueiro. Ela tinha atitudes e agia de tal forma a chamar a atenção do leitor para seus comportamentos humilhantes, a qual ela mesma se sentia muito bem os realizando. Isto acontecia por conta do amor que ela sentia por seu marido e pela gratidão que ela tinha por ele por conta dele a ter tirado da casa de seu pai, lugar onde ela sofria muito. O objetivo dessa pesquisa é analisar quais fatores fizeram parte da construção da identidade dessa personagem e assim desvendar o que fez com que ela se tornasse esse ser submisso e sólido, capaz de sacrificar sua felicidade para ver seu marido feliz, ou seja, para ela, o que importava era ver a satisfação de seu marido nem que para isso lhe custasse sua infelicidade. Para realização desta pesquisa foram utilizados estudos de artigos, livros e referências teóricas de fundamental importância para tornar o trabalho mais científico. Contudo, nesta análise estarão todas as respostas possíveis para os questionamentos levantados a respeito do tema escolhido para ser discutido e analisado.

Palavras-Chave: Cais da Sagração. Construção da Identidade. Lourença.

ABSTRACT

The present work presents an analysis about the construction of the identity of the character Lourença belonging to the work *Cais da Sagração* by Josué Montello, a work that fits in the Maranhense Literature. The choice of this theme to work on was done through readings and reinterpretations of the work in question, throughout the readings it was noticed the submissive behavior of this character in the whole plot in relation to her Husband (Mestre Severino), a boatman. This girl had attitudes and acted in such a way as to draw the reader's attention to her humiliating behaviors, where she felt very good about doing them herself, this was due to the love she felt for her husband and the gratitude she had for him because of him taking her from her father's house, a place where she suffered a lot. The objective of this research is to discover and analyze which factors were part of the construction of the identity of this character and thus unravel what made her become this submissive and solid being capable of sacrificing her happiness to see her husband happy, that is, for what mattered was seeing her husband's satisfaction even if it cost her unhappiness. To carry out this research studies of articles, books and theoretical references of fundamental importance were used to make the work more scientific. However, in this analysis will be all possible answers to the questions raised about the topic chosen to be discussed and analyzed.

Keywords: Wharf of the Sacrifice. Construction of Identity. Lourença.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 LITERATURA BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	14
3 LITERATURA MARANHENSE: CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO.....	21
4 JOSUÉ MONTELLO: UMA VIDA LITERÁRIA.....	25
5 SINOPSE DA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO.....	29
6 IDENTIDADE E SOCIEDADE: PERSONALIDADE EM CONSTRUÇÃO.....	33
6.1 A Identidade Sociológica na concepção de HALL.....	36
7 A EDUCAÇÃO DA MULHER DO SÉCULO XIX.....	38
8 A CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO.....	42
8.1 Análise comportamental das atitudes da personagem Lourença dentro da obra Cais da Sagração.....	47
9 UMA MULHER SUBMISSA E SÓLIDA: LOURENÇA ENTRE O AMOR E A DÍVIDA DE UMA GRATIDÃO.....	55
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para ser analisado se deu a partir das leituras de uma obra chamada Cais da Sagração, do Autor Maranhense Josué Montello. Depois das leituras e releituras, resolveu-se analisar uma personagem dessa obra conhecida por Lourença, uma mulher submissa e sólida nascida no século XIX, onde havia valores tradicionais de época, as mulheres dessa época não tinham os mesmos direitos que os homens, tinham uma educação diferenciada e a personagem analisada fazia parte desse contexto de mulheres educadas para obedecer ao máximo seu marido.

Na obra Cais da Sagração a personagem a ser analisada apresenta algumas atitudes que chegam a fazer com que o leitor se questione o porquê dela agir dessa forma durante todo o enredo e não ter um posicionamento perante toda a situação vivida por ela durante a trama. Com isso, resolveu-se fazer um estudo para saber como se deu a construção da identidade dessa personagem, e saber quais fatores influenciaram-na nesse percurso para que ela tivesse tal comportamento diante as situações que foram enfrentadas por ela.

A personagem Lourença, por ser muito submissa e agir com tanta frieza em relação as coisas que lhe aconteciam diariamente e aos desejos de seu companheiro de vida, Mestre Severino, acabou chamando a atenção dos leitores para esse comportamento exagerado de submissão, e isso fez com que surgisse a problemática do trabalho, ou seja, descobrir os motivos pelos quais ela fazia de tudo para agradar seu marido, sendo que ele não a valorizava de maneira nenhuma e mesmo assim ela sempre estava ali pra suprir as necessidades do marido.

Para que a pesquisa tivesse uma maior eficácia, foi analisada a personalidade da personagem em sua totalidade, os fatores possíveis para que ela se tornasse uma mulher submissa e sólida, fazendo com o leitor compreenda seu comportamento perante toda as situações de humilhação vivida por ela dentro da trama.

A análise adiante buscou vários recursos para dar respostas ao problema da pesquisa, recursos materiais, artigos científicos e autores que foram de grande importância para confirmação da tese, cada um com sua contribuição trazendo informações, explicações e teorias a respeito do tema apresentado, tais quais Josué Montello (1996), com a obra Cais da Sagração, Stuart Hall (2019) e Gilles Delisle (1999) falando sobre a construção da identidade, Marcos Bagno (2008), Simone de Beauvoir (2017), Alfredo Bosi (2017) e José Veríssimo (1915).

Ademais, o objetivo dessa pesquisa é trazer o máximo de respostas possíveis para que os leitores possam compreender o sentido real das ações da personagem que trouxe tantas indagações no decorrer da obra e para isso buscou-se contribuições de alguns teóricos que trouxeram teorias para dar explicações, respondendo e tirando algumas dúvidas, fazendo assim com que os leitores compreendam todos os motivos apresentados pela personagem dentro da trama. Essa pesquisa servirá como fonte de pesquisas para os trabalhos dos universitários que se interessarem pela obra *Cais da Sagração* e pela personagem Lourença em destaque na análise, pois neste trabalho constam pesquisas científicas de grande importância para quem deseja saber e pesquisar sobre esta personagem principal da análise.

2 LITERATURA BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A literatura Brasileira surgiu através de alguns escritos de viajantes colonizadores missionários europeus que vieram para as terras brasileiras, eles fizeram um documentário sobre essa terra que acabara de ser descoberta, neste documento havia muitas informações interessantes que fizeram com que despertasse o interesse de muita gente em querer se aproveitar da natureza belíssima que havia nesse lugar, principalmente por ser rico em flora e fauna, entre outras belezas. A respeito da Carta de Caminha, Alfredo Bosi (2017, p. 108):

O que para nossa história significou uma autêntica certidão de nascimento, a Carta de Caminha a D. Manuel dando a notícia da terra achada, insere-se em um gênero copiosamente representado durante o século XV em Portugal e Espanha: a literatura de viagens. Espírito observador, ingenuidade (no sentido de um realismo sem pregas) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval: eis os caracteres que saltam à primeira leitura da Carta e dão sua medida como documento histórico.

Estes foram os primeiros escritos a serem documentados, apesar de não serem considerados o marco inicial da literatura brasileira, mas serviram de base para a formação dessa literatura e para a formação de nossa identidade.

A Carta de Caminha é o primeiro documento literário brasileiro. Carta descritiva com espírito ufanista (patriotismo, enaltecer o próprio país) e nativista. Foi parodiada de forma satírica por Oswald de Andrade, poeta modernista.

A Literatura Brasileira teve forte influência sobre a literatura portuguesa, pois por muito tempo toda produção literária no total era baseada no pensamento português, tudo partia da literatura portuguesa, e foi através do Romantismo que nossa Literatura Brasileira se tornou independente pra criar sua própria história.

Os períodos literários também são conhecidos como escolas, correntes ou movimentos literários. Estudar os períodos literários ao longo da história é compreender o conjunto de valores artísticos, culturais e ideológicos do homem dentro de uma sociedade.

Sabe-se que o movimento literário brasileiro é bem amplo, e para que pudesse estudar e compreendê-lo melhor, fez-se necessária a divisão desta literatura, sendo assim foi dividida em algumas escolas literárias: Quinhentismo (1500-1601), Barroco (1601-1728), Arcadismo (1768-1836), Romantismo (1836-1881), Realismo e

Naturalismo (1881-1922), Parnasianismo (1882-1922), Simbolismo (1893-1922), Pré-Modernismo (1902-1922), Modernismo (e suas outras correntes que alcançam a Literatura contemporânea).

A LITERATURA QUE SE escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo (VERÍSSIMO, José, 1915, p. 4).

Com a afirmação acima, pode-se notar que a Literatura Brasileira, apesar de possuir fortes influências da Literatura Portuguesa, conseguiu avançar, começando a criar sua própria literatura, ou seja, fazer história, tornando-se independente para criar seus próprios movimentos literários.

Em 1500, a Literatura Portuguesa surgia e para facilitar sua compreensão, foi dividida em algumas escolas literárias. O Barroco (que se divide em antropocentrismo e teocentrismo) teve como marco inicial o poema épico Prosopopeia (1601) de Bento Teixeira; o Arcadismo, que trazia a temática do Carpe diem, que significa aproveitar o dia, seus poemas traziam temas bucólicos e valorização da simplicidade, um dos representantes era Tomás Antônio Gonzaga; o Romantismo teve seu marco inicial com a obra Suspiros poéticos e saudades (1831), de Gonçalves de Magalhães, essa escola literária é dividida em três gerações: A primeira sendo nacionalista ou indianista, a segunda sendo a ultrarromântica e a terceira tendo a denominação de condoreira ou social, além dessas, temos o Realismo, que deu início com a publicação da obra Memórias póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis.

O Naturalismo teve seu início com a obra O mulato de Aluizio, de Azevedo, o Parnasianismo, que representava na poesia o ideal estético “a arte pela arte”, o Simbolismo, os poetas dessa escola negavam a cientificidade, procuravam o vago e o incerto, o Pré-Modernismo valorizava a discussão sobre temas da realidade social e política brasileira, e o Modernismo, dividido em três fases: a primeira abriu caminhos para vanguardistas, a segunda que tinha como preocupação registrar os problemas reais da realidade, na terceira os autores resolvem retomar uma postura mais normal em suas produções.

As escolas literárias existentes em nossa literatura carregam consigo suas diferenças e traços que fazem com que sejam reconhecidas diante as outras, ou seja, cada escola possui suas características específicas que as fazem diferenciá-las uma das outras, traços próprios que as marcam e trazem consigo a passagem de cada momento histórico dentro da história da literatura brasileira.

O Quinhentismo (o nome se deu assim por ser datada do ano de 1500), que representa o primeiro manifesto de literatura no Brasil, conhecido também como literatura de informação, traz vários relatos descritivos e informativos sobre a fauna, flora e do povo que nessas terras habitavam quando os portugueses a descobriram no século XVI. A literatura de catequese também fez parte do movimento quinhentista, os textos dos Viajantes e dos jesuítas que por essas terras passaram contribuíram bastante para a formação dessa literatura, na época foram os jesuítas que catequisaram os indígenas.

José Veríssimo (1915, p. 22) Ressalta:

AS LITERATURAS COMEÇAM sempre por um livro, que frequentemente não tem outro mérito que o da prioridade. Literatura oral, como foi primeiramente a nossa, é apenas uma acepção particular, larga demais e abusiva desse vocábulo. Não importa que esse livro seja uma obra-prima ou sequer estimável; basta que tenha a intenção, o feito e o caráter da obra literária.

O Barroco teve seu início no fim do século XVII e teve grande destaque em sua arquitetura, escultura, pintura e literatura. Foi no período colonial que o barroco começou a se desenvolver, pois foi quando a capital, que era Salvador, transferiu-se para o Rio de Janeiro e com isso o número de habitantes começou a crescer de forma considerável. O marco inicial dessa escola foi a publicação da obra “Prosopopeia”, datada de 1601, escrita pelo autor Bento Teixeira, representante da literatura; representante da pintura barroca estava lá Mestre Ataíde, um dos maiores pintores barrocos, já na Escultura e na Arquitetura quem representou muito bem o Barroco Brasileiro foi o artista Aleijadinho.

As principais características do Barroco Brasileiro são a linguagem dramática, o racionalismo, o exagero e rebuscamento, o uso de figuras de linguagem, a união do religioso e do profano, a arte dualista, o jogo de contrastes, a valorização dos detalhes, o cultismo, que é um jogo de palavras e Conceptismo, sendo um jogo de ideias.

Dentre os autores e obras do Barroco Brasileiro destacam-se: Bento Teixeira, com a obra “Prosopopeia”; Gregório de Matos, conhecido como “Boca do Inferno”, por

se utilizar de uma linguagem satírica em suas obras, autor de uma obra riquíssima que reúne mais de 700 poemas satíricos, líricos, eróticos e religiosos; Manuel Botelho de Oliveira com sua obra poética “Música do Parnaso”; Frei Vicente de Salvador com suas obras “História do Brasil” e “História da Custódia do Brasil”; e dentre as poesias de Frei Manuel da Santa Maria de Itaparica destacaram-se: “Eustáquio” e “Descrição da Ilha de Itaparica”.

Antônio Cândido (1999) Ressalta:

No Brasil, o Arcadismo é contemporâneo da passagem do eixo político e econômico para o Sul. No Rio de Janeiro e nas cidades da Capitania das Minas Gerais ocorre o movimento cultural e literário mais característico na segunda metade do século XVIII e começo do século XIX, já ligados à crise do estatuto colonial e às aspirações de independência em relação à Metrópole.

O Arcadismo teve seu marco inicial no Brasil com a publicação de “Obras poéticas”, datada de 1768, escrita pelo autor Cláudio Manuel da Costa, o nome dessa escola é oriundo das Arcádias, que eram sociedades literárias daquela época. As características que marcam esse período são: Exaltação da natureza, Valorização do cotidiano e da vida simples, pastoril e no campo, Crítica à vida nos centros urbanos, Modelo clássico, Linguagem simples, Utilização de pseudônimos, Objetividade, Temas simples (amor, vida, casamento, paisagem).

Alguns autores foram de grande importância para a manifestação dessa escola, entre eles merecem destaque: Cláudio Manuel da Costa, José de Santa Rita Durão, José Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga, levando em consideração todos os autores árcades brasileiros, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga também merecem destaque.

O marco inicial do Romantismo no Brasil se deu através da publicação da obra “Suspiros Poéticos e Saudades”, um livro de poemas do autor Gonçalves de Magalhães, datada de 1836, não só essa obra, mas como também a “Revista Niterói”, que marcou o início dessa manifestação romancista. As características que distingue essa escola são o Rompimento com a tradição clássica; o Amor platônico, idealismo; a Idealização da mulher; o Subjetivismo e egocentrismo; o Indianismo; o Nacionalismo e ufanismo; o Culto à natureza; o Sentimentalismo exacerbado; o Maior liberdade formal; a Religiosidade; a Evasão e escapismo.

Júlio Flávio Vanderlan (2012) ressalta:

No Brasil, o Romantismo teve início em 1836 com a publicação de *Suspiros Poéticos*, de Gonçalves de Magalhães, que poderia ser considerado o patrono do romantismo brasileiro devido a sua contribuição e atuação na produção desse período. O senso de relativismo colocado por Magalhães foi primordial ao desenvolvimento e concretização do movimento no Brasil.

O Romantismo Brasileiro se divide em três gerações, ou seja, em três fases românticas. A primeira fase caracterizou-se pelo Nacionalismo e pelo Indianismo, explorando temas como, natureza, sentimentalismo, religiosidade, ufanismo, nacionalismo. Os autores que tiveram participação nessa fase foram, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Teixeira e Souza, Araújo Porto Alegre e José de Alencar.

A segunda fase do Romantismo ficou conhecida como “Mal do Século ou “Ultrarromântica”, e também como geração byroniana por ter forte influência da poesia do autor inglês George Gordon Byron. Essa fase possui muitos aspectos negativos e traz temas como egocentrismo, negativismo, pessimismo, dúvida, desilusão, boemia, exaltação da morte e fuga da realidade. Os autores representantes dessa fase são Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire.

A terceira fase romancista caracterizou-se pela poesia libertária e social, sendo conhecida por “Geração Condoreira” (o nome condoreira está relacionada ao condor, uma águia que representa a liberdade), o autor francês Victor-Marie Hugo influenciou bastante nessa geração. Os primeiros autores que representaram essa fase no Brasil foram Castro Alves, Tobias Barreto, Sousândrade.

Tania Pellegrini (2014):

O complexo movimento realista português desenvolveu-se como uma intrincada rede de posições políticas e estéticas, que incorporam os aspectos citados, de várias maneiras, e é fenômeno de interesse para o Brasil porque ladrilhou um caminho já esboçado para a disseminação e enraizamento do realismo brasileiro.

A Escola Realista teve suas origens na França e, no Brasil, surgiu com a publicação da obra “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, em 1881, escrita pelo autor Machado de Assis. Algumas características do Realismo brasileiro são a Inversão dos ideais do Romantismo; o Enfoque no homem e no seu cotidiano; a Crítica social; a Linguagem simples e objetiva; Personagens e ambientes descritos de forma detalhada. Dentre muitos autores e obras Realistas destacaram-se *Memórias*

Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Quincas Borba, de Machado de Assis; O Ateneu e Canções sem Metro, de Raul Pompeia.

O Naturalismo iniciou no Brasil com a obra "O Mulato", do autor Maranhense Aluísio de Azevedo, publicada em 1881. A linguagem coloquial; a Observação da realidade; o Retrato objetivo da sociedade; o Evolucionismo, Cientificismo e Positivismo; Descrição de ambientes e personagens; Problemas humanos e sociais são suas características. Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo, Adolfo Ferreira Caminha e Herculano Marcos Inglês de Sousa fizeram parte dessa Escola Naturalista.

O início do Parnasianismo no Brasil se deu através da publicação da obra "Fanfarras", em 1882, escrita pelo autor Teófilo Dias. Os autores dessa escola buscavam a perfeição estética para o sentido humano e por isso usavam o dilema "Arte pela Arte" em suas obras. Arte pela arte; Objetivismo e universalismo; Cientificismo e positivismo; Temas baseados na realidade, fatos históricos, Mitologia grega e cultura clássica; Busca da perfeição; Sacralidade e o culto à forma; Preocupação com a estética, metrificacão, versificacão; Utilizacão de rimas ricas e palavras raras e Preferência por estruturas fixas, essas são as características encontradas nas obras parnasianas. Teófilo Dias, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia representam o Parnasianismo Brasileiro.

O surgimento da Escola Simbolista no Brasil se deu através da publicação de "Missal" e "Broquéis" no ano de 1893 de autoria de Cruz e Sousa, sendo este considerado o maior representante desse movimento no País. A Não-racionalidade; o Subjetivismo, individualismo e imaginação; a Espiritualidade e transcendentalidade; o Subconsciente e inconsciente; a Musicalidade e misticismo e as Figuras de linguagem (sinestesia, aliteracão, assonância) são as características presentes nessa escola. Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães e Augusto dos Anjos são figuras que representam o Simbolismo Brasileiro.

O Pré-Modernismo marca a transição entre as escolas Simbolista e Modernista, para alguns estudiosos ela nem poderia ser considerada uma escola por apresentar muitas produções artísticas e literárias distintas. Ruptura com o academicismo; Ruptura com o passado e a linguagem parnasiana; Linguagem coloquial, simples; Exposição da realidade social brasileira; Regionalismo e nacionalismo; Marginalidade das personagens (o sertanejo, o caipira, o mulato); e Temas: fatos históricos, políticos, econômicos e sociais, estas caracterizam o Pré-Modernismo Brasileiro. Estes

representam muito bem o Pré-Modernismo no Brasileiro: Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Lima Barreto e Augusto dos Anjos.

Na primeira metade do século XX surgia o Modernismo tendo como marco inicial a Semana de arte Moderna, surgindo assim novos estilos literários. Estas caracterizam o movimento Modernista: Libertação estética; Ruptura com o tradicionalismo; Experimentações artísticas; Liberdade formal (versos livres, abandono das formas fixas, ausência de pontuação); Linguagem com humor e Valorização do cotidiano. Divide-se em três fases, a primeira conhecida como “Fase Heroica”, a segunda como “Fase de Consolidação” e a terceira como “Pós Modernista”.

Cada escola literária destacada anteriormente foi de suma importância para a Literatura Brasileira, pois contribuíram para o enriquecimento desta Literatura, trazendo com elas nomes de grandes autores e obras que fizeram e ainda fazem história dentro de nossa literatura.

3 LITERATURA MARANHENSE: CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

Assim como toda literatura tem sua origem, a Maranhense não deixa de ser diferente, tem seu início marcado pela publicação de uma obra que foi a porta de entrada para a mais nova manifestação literária, surgindo assim autores e obras que foram construindo sua história.

A Literatura Maranhense teve seus primeiros registros logo no início do século XVII, com a vinda dos franceses para a capital do Maranhão (São Luís), em 1612, mas oficialmente a literatura maranhense só se inicia com a publicação do poema Hino à tarde (1832) de autoria de Odorico Mendes, poema composto por características árcades e clássicas, trazendo um debate para discutir assim o surgimento de uma nova literatura, surgindo assim a literatura maranhense com suas próprias características, o que a faz dela ser reconhecida pela escrita de seus autores (Maria Firmina dos Reis, Aluísio de Azevedo, Graça Aranha, Coelho Neto, Viriato Correia, Odylo Costa, José Nascimento de Moraes, João Mohana, Josué Montello, José Chagas, Nauro Machado, José Louzeiro entre outros), foi por estes que ficou reconhecida pelo nome de Atenas Brasileira, o que torna essa literatura riquíssima.

Dito isto, Agda Adriana Zanela (2009) afirma:

São Luís do Maranhão — assim como algumas outras cidades brasileiras de intensa vida intelectual, durante o século XIX — recebeu o epíteto de Atenas Brasileira em função da movimentada vida cultural e do número expressivo de intelectuais e literatos ali nascidos ou residentes — depois, em parte, migrados para o Rio de Janeiro — com um papel muito importante na configuração da vida política e literária do país que tinha acabado de emancipar-se de Portugal, os quais foram denominados “atenienses”.

Como percebe-se na afirmação acima, os autores Maranhenses fizeram a história do Maranhão, através deles muitas obras maranhenses ficaram reconhecidas em todo território brasileiro, sem contar que todos eles levam consigo o nome do Maranhão onde quer que vão e, assim, expandindo cada vez mais a vasta cultura existente em seu território. São Luís do Maranhão herdou o nome de Atenas Brasileira justamente por ter um grande número de autores que se destacaram na literatura e enriqueceram a cultura local.

Agda Adriana Zanela (2009, p. 19):

A primeira geração de poetas, prosadores e humanistas maranhenses ficou conhecida nacionalmente como Grupo Maranhense, ao qual pertenceram

João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Gomes de Souza e Sousândrade. Esse período de prodigalidade intelectual — que se desenvolveu durante o ciclo do algodão de 1832 a 1868 — tornou-se o paradigma de uma produção intelectual canônica até os nossos dias.

Estes expressos na citação acima foram os que se tornaram intelectuais Maranhenses, se empenharam o máximo em suas produções literárias, ficando conhecidos não só dentro do Maranhão, mas fora dele também, suas produções tiveram destaque, os mesmos definiram a Literatura Maranhense a ponto de torná-la altamente reconhecida por obter uma rica variedade de autores.

Toda literatura tem seus precursores e seu contexto histórico, e com o Maranhão não foi diferente, passou por grandes desastres e grandes vitórias, o que seria de cada lugar se não tivesse nenhuma história para contar? É justamente essa história que chamamos de contexto histórico, é nesse contexto que estão incluídos toda a trajetória de seu povo, de suas raízes e de seus acontecimentos, desde a descoberta de um lugar até o primeiro rabisco escrito por seu integrante, tudo isso se torna útil para formação não só da história, mas da literatura local de um povo que ali reside.

Segundo o artigo de Agda Adriana Zanela (2009), os autores Maranhenses se destacaram justamente pela escrita belíssima que utilizavam para se manifestar em suas obras. A forma de expressão destes ilustres fez deles os mais conhecidos e mais prestigiados dentro da história do Maranhão. Fazer literatura não é fácil, imagine iniciar uma e fazer dela o marco inicial, é isso que acontece quando uma obra se encaixa perfeitamente no período em que a surge e quando se tem traços próprios e representativos de tal movimento. A respeito dessa afirmação, Rafael Serra (2010) complementa:

Essa imagem construída para a capital do Maranhão e seus letrados tinha a função de afirmar o valor das letras e da instrução na sociedade maranhense bem como a ação fundamental dos letrados naquela organização social, isto é, enquanto estratégia de auto-afirmação essa imagem visava distinguir a província maranhense das demais províncias do Império do Brasil. E à medida que os anos avançaram ganhou realce e se consolidou na história daquela província como o marco fundador de uma cultura que se pretendia distinta de qualquer outra do Império brasileiro.

Percebe-se acima a existência de autores deram ênfase em suas literaturas por conta de suas escritas e isso fez com que eles brilhassem não só em seu meio de origem, mas em outros horizontes.

A história do Maranhão é extensa e rica em detalhes, por essa região passaram e ainda residem muitos teóricos. Quem ainda não ouviu falar no centro histórico da capital do Maranhão? Pois é, a cidade de São Luís possui um centro histórico que é de arrepiar os cabelos, desde as praças, as colunas e os prédios, tudo traz uma história de grande valiosidade para o povo Maranhense. A respeito do Maranhão, Rafael Serra (2010) discorre:

O Maranhão foi representado por aqueles que se debruçaram sobre sua história como um lugar marcado por certas lembranças de grandeza. Vislumbrada como uma terra opulenta dos ricos territórios do novo mundo, São Luís teria avultado na literatura mais que qualquer outra província do Império. Os que descreveram a cidade de São Luís afirmaram haver nela um clima doce e suave que teria favorecido a formação de um lugar notável no cultivo das letras, um lugar de promissoras ideias e uma cidade produtora de pensamentos livres de qualquer restrição.

Nesta cidade existe um teatro que por ele passaram e ainda passam grandes artistas de lugares distintos, serviu de palco para muitas apresentações e até hoje recebe artistas de todo o País. Os casarões antigos dessa cidade eram resididos por barões, entre outros de personalidades fortes que por esta cidade passaram, em suas praças estão expostos bustos de artistas que foram importantes para a formação da história do Brasil e do Maranhão, realmente São Luís carrega consigo uma trajetória linda e que merece ser contada.

Dr. Antônio Henriques Leal publicou uma obra de grande valor que enriqueceu ainda mais a Literatura Maranhense, nela consta grandes historiografias de alguns autores locais. Dito isto, Rafael Serra de Rezende (2010) afirma em seu artigo:

O Pantheon Maranhense é conjunto de ensaios biográficos sobre os maranhenses ilustres durante o século XIX. Essa obra, escrita na década de 1870, tornou-se canônica na historiografia brasileira sobre a elite letrada maranhense. A obra escrita em quatro volumes é considerada o principal entre os trabalhos de Antônio Henriques Leal, e foi interpretada pelas gerações intelectuais maranhenses que o sucederam como o arauto da singularidade letrada no Maranhão.

No livro Pantheon Maranhense (1870), de Antônio Henriques Leal, estão presentes grandes nomes de autores Maranhenses, história e biografia daqueles que um dia estiveram presentes aqui na terra, ou seja, neste livro está a vida e obra dos ilustres maranhenses já falecidos. Este livro é mais uma obra valorosa da literatura, pois nela encontra-se uma fonte de pesquisa dos protagonistas da formação da história deste povo.

O Estado do Maranhão sempre foi conhecido com o mito de que seus integrantes falam melhor a língua portuguesa que os das outros estados do País, esse mito surgiu por conta do uso do pronome “Tu” seguida de formas clássicas terminadas em –S, que os Maranhenses tanto se utilizam. Bagno (2008, p. 62) ressalta:

Ora, somente por esse arcaísmo, por essa conservação de um único aspecto da linguagem clássica literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda hoje, é que se perpetua o mito que o Maranhão é o lugar “onde melhor se fala o Português” no Brasil.

Bagno (2008) ainda diz que os que defendem esse mito não se deram conta que o mesmo Maranhense que fala “Tu vais”, também falam “Esse é um bom livro para ti ler”, em vez de pronunciar gramaticalmente e dizer: “Esse é um bom livro para tu leres”, aí há uma contradição que não sustenta essa a primeira tese, por isso Marcos Bagno (2008) defende que não existe uma variedade nacional, regional ou social, ou seja, toda necessidade linguística atende a sua comunidade de fala.

4 JOSUÉ MONTELLO: UMA VIDA LITERÁRIA

Josué de Sousa Montello nasceu na cidade de São Luís do Maranhão no dia 21 de agosto 1917, e faleceu na capital do Rio de Janeiro, em 15 de março de 2006. Era filho de Antônio Bernardo Montello e Mância de Sousa Montello, o mesmo ocupou por 51 anos a cadeira de número 29 da Academia Maranhense de Letras. Começou seus estudos em sua terra natal (São Luís – MA), onde despertou o desejo pela literatura, publicando assim seus primeiros escritos literários, estudou também no Liceu Maranhense cursando ginásio, depois deste percurso resolveu viajar para o Rio de Janeiro e se aprofundou em seus estudos.

A respeito da criação do autor Josué Montello, Agda Adriana Zanela (2009) ressalta:

Criado para ser pastor protestante como seu pai e continuar administrando a loja da família, Montello logo cedo sentiu que seu caminho era outro: o das letras. Já aos quinze anos ensaiava seus primeiros textos, estudava exaustivamente os grandes mestres da literatura e publicava seu primeiro artigo, em 1932, no jornal O Imparcial, em São Luís, seguido de dois outros contos.

Josué Montello mesmo sendo criado pelos pais para ser pastor, sentiu que no fundo não era aquilo que ele queria para a sua vida, o caminho da literatura despertou seu desejo, então resolveu seguir seus instintos e fazer parte do grupo de escritores. Publicou grandes preciosidades que ficaram conhecidas pelos seus enredos marcantes, como por exemplo: A décima noite (1959), Cais da Sagração (1971), Os tambores de São Luís (1975), Noite sobre Alcântara (1978), Janelas fechadas (1941), A luz da estrela morta (1948), Labirinto de espelhos (1952), Degraus do Paraíso (1965), A coroa de areia (1979), Largo do desterro (1981), O silêncio da confissão (1980), Aleluia (1982), Perto da meia-noite (1985), Uma varanda sobre o Silêncio (1984), Pedra viva (1983), A última convidada (1989), Antes que os pássaros acordem (1987), Um beiral para bem-te-vis (1989), O baile da despedida (1992), O camarote vazio (1990), A mulher proibida (1996), Uma sombra na parede (1995), A viagem sem regresso (1993), Enquanto o tempo não passa (1996), Sempre serás lembrada (2000), A mais bela noiva de Vila Rica (2001), Herdeira trono, entre outros.

Estas acima são algumas publicações do autor Josué Montello, percebe-se que ele teve um grande êxito de obras publicadas, sempre levou consigo a cultura de sua

terra natal onde quer que fosse, nunca negou sua cultura. Em suas obras, são fáceis de encontrar aspectos de sua cultura local, as características de sua cidade natal são bem expressivas em suas produções, desde a linguagem, os personagens e até mesmo o espaços em que se passam suas tramas. Dito isto Rafael Serra (2010) Confirma:

Cantar a cidade de São Luís em seus vários aspectos, a partir de sua gente, a ponto de transformá-la em personagem, parece ter sido a grande ambição do autor, e o tempo e a memória suas grandes obsessões. Tais características fazem com que suas obras remetam ao mesmo tempo a mestres como Balzac, Poe, Virgínia Woolf, Proust, e, no Brasil, a Machado de Assis, Érico Veríssimo, Jorge Amado, entre outros.

Por incrível que pareça, Josué Montello utiliza-se de todos os aspectos possíveis do Maranhão para repor em suas obras, em todo o seu conjunto de obras há traços nítidos da cultura Maranhense, como por exemplo, as características visíveis são: o litoral maranhense, o centro histórico, os casarões, até mesmo a capital se tornam personagens dentro de seus enredos, ele representa muito bem sua cultura local. Há artigos que comprovam que mesmo ele tendo que ir embora de São Luís e indo viver na capital do Rio de Janeiro, onde veio a óbito mais tarde, ele nunca deixou de idolatrar sua cultura nativa, e que onde vivia, na mesa havia um mapa da cidade de São Luís do Maranhão, era esse mapa que lhe dava inspiração para escrever seus romances, segundo algumas pesquisas encontradas e que muitos de seus trabalhos científicos foram feitos sobre essa mesa.

Sobre o dito acima o artigo de Rafael Serra (2010) confirma:

O gosto do escritor por longas caminhadas por sua terra natal ou, quando distante dela, pelo passeio com os dedos pelo mapa da cidade, sobre sua mesa de trabalho, lembrando lugares e acontecimentos de outrora, refletiu-se em seus romances, nas caminhadas evocativas de seus personagens, a desvendar a São Luís do passado.

Na cidade de São Luís, na casa onde residia o escritor Josué Montello, hoje transformou-se em uma grande biblioteca onde estão expostos sobre vidros suas grandiosas produções, e alguns de seus utensílios domésticos que oferecem aos estudantes pesquisas precisas no ramo literário. Apesar de ter se ausentado, ainda conseguiu deixar um legado e história para os seus conterrâneos, pois mesmo estando longe ainda escrevia e publicava livros com cenários maranhenses, fazendo

assim o levantamento da cultura maranhense que em certo momento desta cultura entrou em decadência.

Rafael Serra (2010) complementa:

Assim, quando Josué Montello inicia sua obra, a sociedade maranhense vivia sob a ideologia da decadência, da perda da identidade. Embora vivendo no Rio de Janeiro, o autor não se desliga da terra natal. Os romances maranhenses montellianos buscam recuperar, ressignificar e redimensionar a identidade maranhense, não a partir da sacralização do mito da Atenas Brasileira ou na recuperação de um passado de glórias intelectuais, mas na busca do Maranhão e do maranhense de suas lembranças, na pesquisa histórica, na visita às diversas camadas sociais, nas tradições, enfim, na recuperação da memória coletiva e do sentido que os acontecimentos históricos tiveram para essa sociedade que não se compõe só de letrados e intelectuais, que tem sua beleza, mas também suas mazelas.

Na citação acima, nota-se o amor que autor sente por sua cultura e que nem mesmo a distância o fez desgrudar de sua personalidade como pessoa e de seus costumes adquiridos ao longo de sua trajetória, mesmo com toda distância, estava ele ali preservando e reerguendo a cultura de seu povo, que estava quase sendo apagada da história. Não só ele, mas muitos autores de sua época foram de suma importância para o levantamento e reconhecimento dessa cultura, quem faz a história de um povo é um próprio povo, sabe como? Na conservação de seus costumes, linguagem, entre outros, estes são os fatores fundamentais para a formação de uma cultura, e foi isso que Josué Montello, entre outros autores fizeram, conservaram sua cultura e pregaram ela por onde passavam, não é à toa que sua casa localizada em São Luís (Maranhão) se tornou uma Biblioteca logo após a sua morte, passou de um ambiente doméstico para espaço reservado a pesquisas científicas aberto ao público.

Josué Montello antes de se tornar um escritor renomado fazia leituras de obras de autores bem conhecidos e se influenciou neles para começar seus escritos, sempre gostou de ler e escrever, leu tantos autores que fica até difícil encontrar um que ele ainda não tivesse lido, nessas leituras encontrou o interesse pela literatura que mais à frente o fez se tornar um homem das letras. SERRA, Rafael (2010) reafirma:

Uma das coisas que mais impressiona em Montello é seu fôlego para a leitura e para a escrita. Difícil citar um autor que ele não tenha lido, daí sua vasta erudição que transparece em sua linguagem e em seus textos. Na juventude leu os romances regionalistas de José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós e Amado Fontes, mas o molde de romance que o fascinava nesse período era o de Aluísio Azevedo e de Eça de Queiroz.

Muitos destes acima, segundo alguns artigos, Josué usou como base para suas produções, ele lia muitos romances e muitos foram utilizados por ele em seus escritos literários, mas como mostra a citação acima, o estilo que mais o impressionou foi a dos autores Aluísio de Azevedo e o de Eça de Queiroz.

SERRA, Rafael (2010):

Nos romances de Montello, merece destaque a figura do idoso como depositário da memória. A ele o autor oferece um lugar de honra e uma voz privilegiada. Esse idoso opõe-se ao estereótipo a ele impingido pela sociedade moderna, competitiva, que o coloca à margem por não ter mais serventia.

Um exemplo para essa afirmação é a presença do personagem Mestre Severino protagonista da obra Cais da Sagração que logo no início da trama aparece sentindo fortes dores no peito e sendo levado ao consultório de um médico para que seja analisado tal problema, um barqueiro que vive no interior da Capital do Maranhão com sua companheira de vida (Lourença) e sobre ela tem toda autoridade possível, um homem totalmente machista e preso às tradições de sua época.

O interessante mesmo é que Montello mesmo com uma quantidade diferenciada de obras possuindo diferentes enredos, consegue sempre manter uma relação nítida entre todas elas, características que fazem delas um conjunto de obras Montellianas ligadas por traços próprios do autor.

Quando se vem predestinado não se pode mudar o destino, quem diria que um menino criado pelos pais para ser um pastor protestante se tornaria um escritor com valiosos escritos e reconhecidos pelo seu povo, realmente Montello deu uma linda reviravolta em sua vida, deixando um legado riquíssimo que até hoje é lembrado por conta de sua trajetória, ou seja, por suas conquistas ao longo de sua vida, deixou um lindo legado para a cultura local de seus conterrâneos, sendo contada e recontada até os dias atuais.

5 SINOPSE DA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO

A obra *Cais da Sagração* foi publicada pelo autor Josué de Sousa Montello no ano de 1971, um romance que tem como cenário o interior do litoral e o próprio litoral Maranhense. Confirmam alguns artigos que quando o autor desta a escreveu, ele estava no Rio de Janeiro e sobre a mesa que estava começando seus primeiros manuscritos estava ali estampado o mapa do Maranhão, pois ela o Maranhão que lhe inspirava a escrever seus romances, tendo o mapa por perto se sentia perto de sua cultura.

Segundo o artigo de Elizabeth de Fátima Amorim (2003), “Josué Montello recria, em *Cais da Sagração* (1971), o cenário da costa do litoral maranhense do começo do século XX, para, nesse contexto, reproduzir uma realidade favorável à escrita de um mito. Relata a história do mestre de barcos mais conhecido daquela região, Mestre Severino”.

Cais da Sagração conta a história de um velho barqueiro chamado Mestre Severino que vivia viajando de barco para o litoral Maranhense a trabalho, era casado com Lourença, não oficialmente, apenas amigavelmente, uma mulher já na fase de cabelos grisalhos e acabada por conta dos serviços domésticos, apesar de muito tempo casados, ainda não tinham conseguido ter filhos e isso fazia com que Severino ficasse histérico, pois seu sonho era ter um filho homem para seguir sua profissão de barqueiro assim que chegasse a falecer, como sua esposa não conseguia ter este filho, ela se culpava a todo momento e se achava incapaz por não poder dar a seu marido o filho que ele tanta queria.

Um dia Severino em suas viagens ao litoral maranhense conheceu uma moça chamada Vanju, uma mulher totalmente fora dos preceitos da sociedade da época, na verdade Severino se apaixonou por ela e logo planejava se casar. Chegando em casa, o Mestre anuncia seu casamento e sua esposa Lourença pensa em ser com ela, pois até então só moravam juntos, mas nunca tinha casado, mas adiante ele diz não ser com ela e sim com uma moça que acabara de conhecer na capital do Maranhão.

Mesmo o padre alegando que não pode celebrar tal casamento, por conta da moça que Severino queria se casar, tratava-se de uma meretriz, mais à frente o casamento acontece e a moça se muda para a casa de Severino, tomando o lugar de sua atual esposa, que antes era dona da casa acabara de se tornar a empregada do

casal, tendo que ceder seu quarto para a mais nova mulher de seu esposo e ir dormir em outro lugar da casa.

Certo tempo se passou e Vanju estava ali grávida de Severino, o que o deixou muito feliz para a tristeza de sua ex, o que ele não sabia era que o bebê que sua amada esperava não era um menino e sim uma menina, isso o desmotivou totalmente, o sonho deste barqueiro era deixar um herdeiro para seu barco e para isso teria que nascer um menino para assumir o seu barco no futuro.

Meses se passaram e a moça da capital deu à luz a linda menina que passa a se chamar Mercedes, sendo cuidada por Lourença, já que a meretriz mal sabia segurar a criança. Os tempos se passam e Severino exige que Vanju tente ter outro filho com ele, mas ela não aceita. Mercedes cresce, arranja um marido e mais à frente engravida, para a alegria de Severino nasce um menino que também é cuidado por sua antiga mulher que já tinha sido babá de sua filha e agora novamente babá de seu neto, Severino via ali a chance de seu neto herdar o barco e a vida de barqueiro, só que com o passar dos anos, ele não vê em Pedro nenhum interesse em querer se tornar barqueiro.

No meio do enredo, o barqueiro desconfia de uma suposta traição da mulher com quem casara e resolve matá-la no mar afogada. Voltando para casa ele vai preso, reata com sua ex-mulher e quando sai da cadeia depois de passar 23 anos preso, recomeça sua história de onde parou e a mulher submissa retoma seu lugar de dona de casa, assim como manda a sociedade da época. Apesar de tudo que esta mulher submissa viveu e presenciou na trama, ela não se desfez de seu marido, pois amava a vida que levava com Mestre Severino.

A respeito dos aspectos construtivos da obra, Elizabeth de Fátima Amorim (2003) ressalta:

A obra é narrada em terceira pessoa, e o narrador acompanha a trajetória heróica de Mestre Severino, personagem principal. A descontinuidade temporal é o artifício utilizado pelo autor para cruzar os dois planos da narrativa: o tempo presente do mestre já velho, por onde se inicia a narrativa, e um tempo passado, trazido para o presente por meio do fluxo de consciência.

Em relação aos tempos presentes na obra Cais da Sagração expressos na citação acima, é exatamente o que acontece em todo o enredo da obra, a trama já se inicia com o protagonista passando mal e tendo que ser levado para um consultório

para saber o motivo de tal reação sofrida por ele, sendo este o protagonista da obra. Em alguns momentos da trama, há flashbacks do tempo passado das personagens, algumas lembranças vem à tona, em alguns momentos chegam até confundir o leitor por conta da mistura dos acontecimentos do passado virem ao encontro dos acontecimentos presentes. Esta é uma das características bem forte sobre o romance Cais da Sagração. Josué mantém em suas obras os aspectos Realistas/Naturalistas, estas sem dúvida fazem parte da escrita de Montello.

Sobre a obra Cais da Sagração Elizabeth de Fátima Amorim (2003):

Cais da Sagração é considerada uma narrativa ideológica, pois possui vínculos com determinada forma de ver o mundo, ou seja, reproduz os valores de uma sociedade provinciana do início do século XX. Na obra de Montello, observamos a preocupação do autor em mostrar a condição existencial do homem na busca do seu equilíbrio interior e, no que se refere a Cais da Sagração, encontramos um destaque, no papel da personagem principal, Mestre Severino voltado para a sua identidade individual e, conseqüentemente, para as personagens pertencentes à sua época e à cidade de São Luís.

Mestre Severino estava totalmente preso à tradição da época, o barqueiro era um homem machista e autoritário, a sociedade cobrava muito da mulher daquela época e por isso as mulheres deveriam seguir um padrão, ou seja, o que fosse aceitável pela sociedade. Todos os personagens da trama possuem traços entre si sobre os aspectos Maranhenses. Dito isto, Elizabeth de Fátima Amorim (2003) comenta:

Dentre os aspectos mais importantes da obra, evidenciam-se o de recriar todo um universo cultural de uma época e de trazê-lo para o leitor de hoje, proporcionando-lhe um movimento dialético entre o passado e o presente, e também o de denunciar o início da decadência do patrimônio histórico-cultural da cidade de São Luís, o qual, como a vida e os valores de Mestre Severino, estavam sendo destruídos e esquecidos pela nova geração nascida com a chegada do progresso.

A respeito da afirmação acima, pode-se dizer que Josué Montello traz um rico cenário Maranhense em suas obras, buscando sempre retratar os costumes, tradições, as praças, os monumentos, todos os aspectos possíveis de sua cidade natal, traz também uma São Luís de época muito presente até mesmo em personagem dentro de seus enredos, Severino como um senhor mais velho cheio de costumes e valores apegado às tradições de uma sociedade tradicional.

De acordo com algumas pesquisas bibliográficas, o autor Josué Montello teria idealizado o protagonista de sua obra através de uma revista, de tanto folhear revistas, encontrara ali a figura de um velho que lhe chamou muita atenção e que dali adiante se tornaria um personagem de sua mais nova obra “Cais da Sagração”, e certamente se tornaria um barqueiro dentro de sua trama. MONTELLO, Josué (1996, p. 10):

Ali, repassando antigas revistas brasileiras, levado por uma ansiedade nostálgica, dei com a figura de um velho barqueiro, num fundo de tarde esbraseada. Num relance reconheci o meu Mestre Severino. Não foi preciso mais para que eu lhe visse os olhos e lhe ouvisse a voz. Daí em diante ele passou a viver em mim, no mistério da elaboração romanesca, já agora identificado com outros seres que meus olhos tinham encontrado na vida real, na orla do mar em São Luís.

Montello esquematizou todo projeto de sua obra, desde os personagens, cenários e enredo, ele estava muito certo do que ele queria, como mostra na citação acima, no momento em que fixou o olhar na figura de um velho na revista que folheava, logo reconheceu que era aquele velho que seria o protagonista de sua obra, viu nele o nascer de um barqueiro que se chamaria a partir de então Mestre Severino dentro de sua trama (Cais da Sagração).

6 IDENTIDADE E SOCIEDADE: PERSONALIDADE EM CONSTRUÇÃO

Para se construir uma identidade, estão inclusos diversos fatores que estão interligados, sendo eles: aspectos genéticos, convivência familiar e o contato com a sociedade no dia a dia. Estes são de suma importância para a formação de um sujeito, quaisquer que sejam as identidades adquiridas ao longo de sua trajetória.

Segundo Hall (2019, p. 12), “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente”. Às vezes, as pessoas reagem da forma como aprendem desde a infância, muitos são o reflexo daquilo que passam a vida observando e aprendendo por meio da sociedade que os rodeiam, quando param para pensar estão ali fazendo a mesma coisa que seus pais faziam quando ainda eram crianças, são moldados ao longo do tempo sem mesmo perceber e quando percebem estão ali moldados pela sociedade e carregando várias características que adquirem ao longo de seus percursos até a vida adulta.

Todas as experiências que um indivíduo presencia durante seu percurso de vida são contribuintes para caracterizá-lo, todas as reações e comportamentos de uma pessoa é sua forma única de agir no meio em que vive, essas reações e tais comportamentos são próprios de si, ou seja, sua identidade, são estas atitudes que designam quem é você e sua personalidade, há pessoas que possuem uma personalidade forte, isso é reconhecido através das atitudes e reações que uma pessoa apresenta perante os outros.

A construção da personalidade ou da identidade de um sujeito vem desde os primeiros anos de vida quando se tem os primeiros contatos com seus familiares, pois ali a criança mesmo não tendo consciência de tudo que está acontecendo, já começa observar todas as ações de quem está a sua volta, é através dessa observação que a indivíduo vai se moldando constantemente e adquirindo aspectos positivos ou negativos de sua convivência diária com pessoas com quem convive, não se adquire uma identidade do dia para a noite, ela sempre vai estar em formação, pois a cada dia se está proposto a viver uma nova experiência e com ela mais uma história a contribuir com o que já se tem acumulado em sua caminhada. Dito isto, Hall (1987, apud Hall, 2019, p.11-12), afirma que: a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Como se sabe, além da família ser um ponto de partida principal para designação da formação de um sujeito, a sociedade também é um fator que contribui bastante para essa formação. Suponha-se que na comunidade onde certa pessoa desde que nasceu há o costume de ouvir um estilo musical específico e desde criança essa pessoa ouve esse tipo de música, certamente as músicas deste estilo vão fazer parte de sua vida, e toda vez que as ouvir tocar, vai se identificar e sentir que isso fez e ainda faz parte de sua vida. A respeito disto, Gilles Delisle (1999, p. 19 apud BRITO, Ênio Pinto, 2009) ressaltam que:

Caracteriza a personalidade como um específico e relativamente estável modo de organizar os componentes cognitivos, emotivos e comportamentais da própria experiência. O significado (cognitivo) que uma pessoa atribui aos eventos (de comportamento) e os sentimentos (emocional) que acompanham esses eventos permanecem relativamente estáveis ao longo do tempo e proporcionam um senso individual de identidade. Personalidade é esse senso de identidade e o impacto que ele provoca nas outras pessoas.

Geralmente, muitas pessoas se influenciam pelo meio social onde vivem e é isso que também influencia na construção de uma identidade, às vezes nem percebem, mas absorvem todos os costumes possíveis, sejam eles bons ou ruins. Tendo contato com seus familiares e com o meio social, um ser humano pode adquirir variados aspectos que ajudam na sua formação como indivíduo. Existem pessoas que por viverem experiências não tão boas no passado se tornam frias, tristes e até rancorosas, enquanto outras levam a vida na tranquilidade e com positividade, são alguns aspectos de algum momento do passado que fazem toda diferença no hoje de uma pessoa. Como exprime a citação acima, são as minuciosidades, o comportamento, a emoção e as experiências vividas por um indivíduo que vão se acumulando diariamente até que se forme uma identidade individual.

As experiências vividas e presenciadas por um sujeito fazem toda a diferença em sua personalidade, suas ações podem ser tanto positivas quanto negativas, isso vai depender de suas experiências vividas no passado, se teve uma infância, uma adolescência tranquila, sem muita problemática, suas atitudes para quem estiver ao seu lado serão boas e sempre harmoniosas, agora se teve uma infância complicada, cheia de turbulência, corre o risco de ser uma pessoa cheia de mágoas, triste e podendo até mesmo se tornar uma pessoa complicada e com péssimas atitudes, tratando com indiferença a quem esteja a sua volta. Muitos se tornam o reflexo de tudo aquilo que passam a vida observando, isto vai ser a base real do que ele pode

absorver. Algumas pessoas ainda conseguem separar tais situações de convívio e absorve só o lado bom da história. Segundo Hall (2019):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente.

De acordo a citação de Hall (2019), “uma identidade não se constrói uma vez e pronto, pelo contrário, ela vai se formando ao longo do tempo, a cada situação que se presencia, com as dificuldades rotineiras, com as boas vibrações, sem contar que pode-se possuir várias identidades por conta da multiplicidade de aspectos culturais que se deparam diariamente”. A respeito disto, pode-se explicar as atitudes da personagem que, apesar de ser uma mulher madura, age de forma inconsciente em toda obra, suas ações tem muito a ver com a educação e com os costumes que seus pais lhe deram, já que a construção de um sujeito se dá através das situações vivenciadas e presenciadas ao longo de sua trajetória, sejam elas boas ou ruins.

A personagem que está em análise tem uma personalidade fraca, em partes na trama ela age com certas atitudes que não a valorizam como mulher e nem como pessoa, muitas coisas aconteceram em seu passado que fizeram com que ela se tornasse uma mulher fria e sólida. Em um trecho do livro *Cais da Sagração*, Lourença diz ter sofrido muito enquanto esteve morando com o pai, isso mostra o tipo de infância que ela teve, daí já se percebe que ela foi criada com um pai que a batia e a maltratava muito, por não ter carinho e por sempre apanhar, ela absorveu tudo isso e se acostumou com as coisas ruins que lhe aconteciam e a se contentar apenas com o pouco de consolo que recebia. Montello (1996, p. 52):

“Lourença queria queixar-se, no teimoso esforço para se compenetrar da injustiça da sorte; mas logo reconhecia que não era direito. Dos dois, pensando bem, quem tinha culpa era ela. Mestre Severino dera-lhe casa, dera-lhe comida, dera-lhe roupa, dera-lhe carinho, tirara-a das mãos do pai que lhe batia”.

A citação acima mostra a real conclusão que Lourença tira a respeito do porquê em hipótese alguma ela poderia reclamar da vida que seu companheiro (Severino) estava lhe oferecendo. De tanto ser desprezada e de apanhar por seu pai, ela foi se acostumando com tal tratamento que no momento em que Severino a leva para sua

companhia e a torna sua mulher, tudo o que lhe acontece de ruim já não é mais uma novidade para ela, as situações rotineiras vivencias ali eram apenas mais uma de tantas vividas por ela.

Realmente, pode-se notar que um sujeito é formado e reformado ao longo de sua construção como pessoa, e todas suas ações e reações são formuladas através de suas experiências passadas e atuais, essas experiências são refletidas em suas ações futuras são frutos de uma história passada que foram adquiridas pelo sujeito. Isso que aconteceu com Lourença, ela só está agia de forma neutra e sólida, pois foi assim que aprendeu a ser quando ainda estava na companhia de seus pais.

6.1 A Identidade Sociológica na concepção de HALL

A respeito de identidade, Stuart Hall (2019) tem três concepções exemplares (Sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e Sujeito Pós- Moderno), mas para a análise deste trabalho será utilizada a concepção sociológica.

Na concepção sociológica a formação da identidade ocorre pela interação do sujeito com a sociedade, que é através dela que o sujeito vai se construindo e se reconstruindo, pelos pequenos detalhes e pelas pequenas ações observadas e adquiridas. Hall (2019, p. 11):

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A sociedade pode influenciar um sujeito, mas quando este entra em contato com ela, já traz consigo alguns aspectos próprios, o que acontece é só mais uma complementação de valores que o sujeito absorve por estar ali inserido em meio a sociedade, uma sociedade, como se sabe, é composta de cultura, que é transferida para seus integrantes durante o tempo que eles convivem dentro dela, a cada meio social que uma pessoa integra irá se deparar com culturas diferentes e a cada novo contato serão novos costumes adquiridos que servirão de complemento para formação de sua identidade, pois cada uma possui suas peculiaridades e suas próprias formas de agir.

Para melhor entender a concepção de sociológica, imagine uma pessoa que nasceu em uma cidade e teve que se mudar para outra logo na adolescência, quando esta pessoa chegar ao lugar destinado, sentirá muita estranheza na forma de falar e de agir das pessoas que ali vivem, sabe por quê? Porque ela não foi acostumada com os costumes que encontrou ali, ela carrega consigo uma rica cultura de onde cresceu e absorveu todos os aspectos possíveis. Essa concepção é exatamente isso, a absorção de cultura acontece quando o sujeito compartilha o interno e absorve o externo, um depende do outro para construção de uma identidade.

7 A EDUCAÇÃO DA MULHER DO SÉCULO XIX

Com base em alguns estudos em artigos, é notória que a educação feminina não fazia parte do processo cultural do século XIX, a educação das mulheres era uma e a dos homens era outra totalmente diferente, enquanto os homens eram educados para enfrentar o mercado de trabalho tendo o direito de ir à escola e até universidades, as mulheres eram educadas para serem donas de casa, pois os pais achavam que aprender outros assuntos e técnicas não ajudariam suas filhas arranjar um bom casamento, na verdade nessa época não se depositava confiança alguma no potencial feminino. Diante desta afirmação Fazzolari, (2009, p. 52 apud SANTOS, Camila):

Amar o marido respeitá-lo como seu chefe, adverti-lo com discrição e prudência: calar quando o vir irritado; tolerar com paciência seus defeitos, ser prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda a família, E suas qualidades reconhecidas eram a pureza, a benevolência, a paciência, a doçura, a dedicação, o pudor e a modéstia.

Desta forma as mulheres antes de se casarem eram de responsabilidade do pai e dos irmãos homens, quando se casassem passariam a ser de responsabilidade de seus maridos levando assim todo aprendizado repassado pelos seus pais, assim percebe-se como se constrói a identidade de uma mulher que viveu no século XIX e se habituou a viver com as regras mesmo tendo que aturar tudo de ruim que lhe acontece.

A personagem Lourença fazia parte das mulheres do final do século XIX, e por isso desde nova aprendeu a cuidar da casa e satisfazer as vontades do pai, as regras que sempre eram postas a mulher dessa época era que seu lugar era cuidar da casa, dos seus filhos e de seu marido, obedecendo-o ao máximo sem restrições, Mestre Severino não tinha do que se queixar de sua companheira, pois desde que ela passou a acompanhá-lo, sempre cuidou muito bem dele, da casa e sempre acatou todas suas decisões, mesmo que não a trouxesse benefícios.

Na verdade percebe-se no contexto de muitas obras que a figura feminina tinha que manter um padrão de comportamento perante a sociedade em que vivia, se tal comportamento não fosse respeitado, a moça não seria mais digna de frequentar os mesmos lugares que as outras que zelavam por seu carácter, sendo assim taxada como uma qualquer sem valor nenhum, por isso as moças daquela época faziam de

tudo para não se desvirtuar do seu foco principal, o casamento antes do sexo, porque se não fosse assim não teria casamento algum e a mesma ainda teria que viver até os fins de sua vida sem casar, pois naquela época só poderia casar quem preservar-se sua castidade, homem nenhum se casaria com uma mulher que não fosse honrada (virgem).

Na verdade, as mulheres daquela época desde cedo eram educadas para serem donas do lar diferentemente dos homens que tinham a obrigação de serem os chefes da casa e colocar comida na mesa, o contexto do final do século XIX era outro, os homens saíam para trabalhar enquanto a mulher tomava conta da casa e dos filhos, isso permaneceu por muito tempo em meio a sociedade. A sociedade dessa época preservava muito o comportamento de seus indivíduos, os mais velhos preservavam ainda mais e priorizavam o casamento acima de tudo, mulher de valor nessa época era aquela que mantinha sua virgindade até o casamento. Segundo Isabel Francisco de Oliveira et al. (2017):

A mulher brasileira no século XIX, apresentava traços de nossa herança portuguesa, que a colocava numa condição de submissão e recolhimento, na qual serviam os seus maridos, seus filhos e seus pais. No entanto, Dionísia Gonçalves Pinto foi o nome de batismo de uma mulher que romperia com os paradigmas conservadores de seu tempo, mulher que estudou, viajou, produziu ideias e ficou conhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta.

As mulheres do século XIX eram submissas aos seus maridos, faziam tudo o que tivesse ao seu alcance para agradá-lo e satisfazer suas vontades, pois era isso que aprendiam desde cedo quando ainda estavam na companhia de seus pais, tinham que preservar seu casamento e acima de tudo manter uma postura de mulher casada que fosse do agrado de seu marido e da sociedade a que pertencia.

A personagem a ser analisada passou da companhia de seus pais para a companhia de seu mais novo marido e companheiro de vida (Mestre Severino), apesar de a ter levado para morar consigo, ele não casou com ela oficialmente, apenas moravam juntos sem oficialização matrimonial. A moça mesmo sem casar com seu companheiro oficialmente, o obedecia como esposa legítima, cuidava dele e da casa, mostrando ser uma mulher dedicada que todo homem gostaria de ter.

Muitas vezes, o passado de uma pessoa pode refletir muito em seu presente, fazendo com que se torne fraca ou forte, fatores estes que podem afetar profundamente em suas ações futuras e em suas atitudes do dia a dia.

Conforme Soares (2013):

A sociedade da época venerava e incensava um comportamento tipificado e de acordo com suas necessidades. Enquanto referendava a ocupação do espaço público pelos homens, mantinha as mulheres nos limites da domesticidade, a elas reservando o cuidado com os filhos que deveriam ser depositários dos seus mais elevados ensinamentos. Se, porventura, houvesse alguma ideia de trabalho por parte das mulheres, este somente seria lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza, resignação e servir com submissão. Dentro de tais perspectivas, não estava prevista a concorrência com os homens em termos profissionais e intelectuais, o que ultrapassaria os limites de segurança social (SOARES, 2013, p. 189)

Jane Soares (2013) confirma algumas afirmações ditas anteriormente a respeito do comportamento da mulher do século XIX, era uma sociedade muito conservadora de seus valores e costumes. Como se percebe na citação, o único limite que as mulheres poderiam era o da domesticidade, onde se estava reservado a ela o lar e a criação dos filhos, não poderiam ter perspectivas em relação ao meio trabalhista, ou seja, nunca aconteceria uma concorrência com os homens e as mulheres já que elas estariam ocupadas cuidando de seus lares.

A dominação masculina está bem explícita na obra analisada, o protagonista (Mestre Severino) da trama é um homem muito machista e autoritário em suas atitudes rotineiras, age com muito rigor em suas decisões sem se quer ouvir as opiniões dos outros, muito tradicionalista e seguia severamente os costumes de sua época. NASCIMENTO, Renata; SOARES, Gabriela; CRISTINA, Luana (2016):

O ser masculino, desde os primórdios, exerceu sua suposta superioridade e dominação sobre o sexo dito frágil, criando assim uma sociedade de face patriarcal e machista, onde as mulheres foram moldadas para assumir o papel fundamental de mães, reprodutoras, zelosas do lar, subordinadas à ideologia formulada por eles.

A citação acima só mostra mais uma confirmação em relação a dominação masculina sobre o ser feminino, o homem sempre como ser primário e a mulher como ser secundário, sempre foi assim desde os primórdios, o artigo de Renata Nascimento Gomes (2016) mostra alguns detalhes de como era essa masculinidade do homem na antiguidade e como a mulher reagia em relação a essa autoridade masculina.

Em grande parcela da história, as mulheres ocuparam um papel secundário. Na maioria delas a atuação feminina estava restrita às tarefas domésticas. Já houve uma época em que, por exemplo, conservar as chaves da casa era

exclusividade da senhora do castelo. Por isso entre as mulheres ter a posse das chaves era considerado um sinônimo de poder. Ainda que o estoque de alimentos fosse trancado, a mulher não tinha autonomia nem poder para decidir contra o grande senhor. E não se questionava se essa posse não era uma forma de compensação, posto que, ao homem, era permitida a prática de adultério como uma simples questão de masculinidade, de necessidade hormonal que deveria ser atendida. (NASCIMENTO, Renata; SOARES, Gabriela; CRISTINA, Luana, 2016)

Como exemplo de adultério pode se falar a respeito de um episódio que aconteceu na trama da obra *Cais da Sagração*, o protagonista Mestre Severino comete um feminicídio, o mesmo desconfiou da infidelidade de sua esposa com quem casara e como sinônimo de vingança resolve matá-la, para ele, isso seria como limpar sua honra em meio à sociedade em que vivia.

Severino era tão machista e tradicionalista que mesmo estando doente, não queria ir ao médico, por não querer que o doutor lhe apalpasse a mão em seu corpo.

Severino era um homem muito machista e não aceitava ser contrariado de forma alguma, respeitava a tradição de sua época seguindo com rigor todos os preceitos da sociedade em que ele fazia parte. BEAUVOIR, Simone de (2017, p. 206):

Ora, a mulher sempre foi se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país o estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente.

Apesar de toda essa submissão, a mulher mais à frente cria voz e resolve lutar pelos seus próprios direitos dentro da sociedade, e é aí que começa o movimento feminista, as mulheres daí então invadem os espaços públicos e privados, tornando-se assim, jornalistas, médicas, jogadoras de futebol e até mesmo presidentas da República.

8 A CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO

Lourença fazia parte do contexto das mulheres do final do século XIX, tinha uma postura de mulher dona de casa, prestativa, respeitava seu marido acima de tudo e nunca lhe levantara a palavra em vão a não ser que ele pedisse sua opinião.

Antes de morar com seu atual esposo, Lourença vivia na companhia de seu pai e logo passou a ser mulher de Severino, um homem que levava a vida como barqueiro no interior do Maranhão fazendo viagens para o litoral do estado. Quando o Mestre saía para suas viagens, ela ficava sozinha em casa esperando sempre pela sua volta. Esta moça nunca levantara a voz para o seu companheiro, sempre seguia todas suas ordens e caprichos que lhe eram postas, sempre fazia de tudo para agradá-lo nem que para isso custasse sua infelicidade.

Ela tinha personalidade fraca e sem atitudes próprias, agia em prol de seu marido, ou seja, ela nunca fazia algo por benefício próprio, a mesma se sentia feliz em ter um marido ao seu lado mesmo que não fosse um casamento oficializado, como manda a igreja, Mesmo estando na companhia de Severino há anos, nunca se preocupou por ele não ter casado oficialmente com ela, vivia um casamento amigável ao lado de um homem machista e tradicionalista.

Muitas vezes o passado de uma pessoa pode ser o reflexo de seu presente, há pessoas que foram criadas em ambientes onde não tiveram carinho, uma boa convivência, uma boa infância, ou até mesmo ter passado por momentos muito difíceis. Em uma passagem do livro, mostra Lourença dizendo que apanhava de seu pai enquanto esteve morando com ele. MONTELLO (1996, p. 52):

Lourença queria queixar-se, no teimoso esforço para se compenetrar da injustiça da sorte; mas logo reconhecia que não era direito. Dos dois, pensando bem, quem tinha culpa era ela. Mestre Severino dera-lhe casa, dera-lhe comida, dera-lhe roupa, dera-lhe carinho, tirara-a das mãos do pai que lhe batia, e a verdade é que ela não lhe tinha dado, ao fim de tantos anos, o filho que ele sempre deixava dentro dela, à noite, quando voltava das viagens.

Logo Lourença começa a refletir sobre isso após descobrir que o homem com quem passara grande parte de sua vida, mesmo sem ser casada oficialmente, estava prestes a trocá-la por outra que acabara de conhecer na capital do Maranhão (São Luís). E mais, seu companheiro iria casar-se com ela na igreja. Mesmo com tudo que

estava acontecendo com esta moça, ela não tinha raiva nenhuma de seu companheiro, a única coisa que ela sentia era remorso de si mesma por não ter dado um filho para o seu marido, apesar de tantos anos vivendo juntos e sentia que, mesmo com tudo que estava acontecendo a sua volta, não poderia reclamar de nada, pois ali tinha comida e uma casa para morar e no momento estava grata por tudo o que seu companheiro já tinha feito por ela. Montello (1996):

- Se ele me falta, que é que vai ser de mim, sozinha neste mundo com o Pedro, que não passa de um menino? Ah, meu Deus, não deixe eu ficar no ora-veja, tonta, sem saber para onde me virar. Estou velha, já penei muito, tenha pena de mim! (MONTELLO, 1996, p.27)

A única companhia que Lourença tinha era seu marido Severino e seu neto. O barqueiro era quem sustentava a casa e mantinha as ordens a ser seguidas, o que ela sabia fazer mesmo era só os serviços domésticos e cuidar da família, a criança de quem ela cita acima é o Pedro, neto de seu marido, filho do fruto do amor entre ele e sua mais nova esposa, a moça com quem ele se casou na capital do Maranhão.

Esta mulher que acatava todas as ordens de seu marido deveria entender que mulher nenhuma deve aceitar de um homem menos do que merece. Nenhuma mulher deve se sentir incapaz só porque não consegue engravidar para dar um filho ao seu marido, o homem também deve entender que uma mulher não será menos mulher se não poder engravidar, isso é apenas mais um detalhe da vida, mas para o contexto em que eles viviam, ter um filho para formar uma família era o principal foco dos casamentos daquela época. A personagem da trama sofria muito pelo fato de não poder dar o tão sonhado filho que seu marido tanta almejava em ter e com isso começa a se torturar e a se sentir culpada pelo fim de seu casamento. MONTELLO (1996, p. 52):

- A culpa é minha, de mais ninguém.
E foi ela própria que preparou a casa, com dois dias de antecedência, para receber a outra, que ia ficar agora no seu lugar. Pôs uma colcha bordada na cama da alcova, um pano de croché na mesa de jantar, areou os talheres até ficarem espelhando, limpou os móveis, preparou os doces para as duas compoteiras de vidro do aparador, e ainda temperou a galinha de cabidela, o leitão de vinha d'alhos e o arroz de forno dourado, com rodela de linguiça e paio, que sabia fazer como ninguém. De vez em quando parava tudo, como se não quisesse mais prosseguir e ficava a um canto, de braços cruzados, olhando a esmo, o coração apertado, com vontade de chorar. Acabava reagindo, e retomava o trabalho, suspirando.

Que situação complicada essa moça vivenciou dentro de sua própria casa, tendo que preparar com tanto rigor um almoço especial para a chegada da mais nova esposa de seu antigo marido, que até então havia lhe trocado por uma mulher mais bonita e mais jovem da capital maranhense. Mesmo com tanta tristeza e com o coração partido, estava ela ali tentando satisfazer as vontades de Severino, estava à beira do fogão preparando uma de suas melhores refeições para o mais novo casal (Vanju e Severino). No fundo, Lourença queria apenas um lar para chamar de seu, conformava-se com tudo e com todos, afinal, ela nunca reclamava de nada, apenas que devia de cumprir sua sorte.

Não são todas as mulheres que agem da forma como Lourença agiu diante todas as humilhações que ela sofreu, muitas mulheres dos séculos passados, inclusive a personagem a ser analisada não possuem uma meta de vida, para elas tudo estava bom e viviam para servir seus maridos, não poderiam ter outro sonho a não ser o de cuidar da casa e dos filhos e acatar as ordens de seus maridos. Desta forma, aprenderam enquanto estavam na companhia de seus pais e assim, algumas já estavam acostumadas a serem dominadas pelos pais e depois pelos maridos. Esta personagem adquiriu características das mulheres educadas para cuidar do lar, convivia com o pai violento, no entanto, a relação de dominação de Severino sobre ela não era mais nenhuma novidade, já que ela era acostumada a ser maltratada. Ela apenas queria viver em paz em seu casamento e ter alguém ao seu lado para lhe fazer companhia.

De vez em quando Lourença dava uma espionada na rival que acabara de tomar seu marido e seu lugar de dona da casa. MONTELLO (1996, p. 54):

Comparava seu jeito rústico com os modos finos da moça de São Luís, e dava razão à preferência de Mestre Severino. De pés no chão ou nas sandálias cambadas, vestido corrido e velho, os primeiros fios de cabelo branco descendo para os ombros, duas rugas fundas entre a asa do nariz e o canto da boca, consumida pelos trabalhos da casa e as tribulações da sorte, Lourença reconhecia que nem por sombra podia competir com a Vanju, que mesmo sem se arrumar era bonita.

Ela via nesta moça tudo o que ela não tinha e mesmo que ela se arrumasse tinha uma ideia que nunca chegaria aos pés dessa moça, por isso sofria calada enquanto servia a moça da capital que não sabia sequer fritar um ovo. Na verdade, uma era o oposto da outra. Lourença se sentia inferior a Vanju, pois a rival era uma mulher mais nova, refinada e bem vestida, enquanto ela já estava de cabelos grisalhos

e não tinha uma boa vestimenta, assim como a tal que seu marido acabara de se casar, todos esses aspectos fazem com que essa mulher traída se sinta cada vez mais impossibilitada de acreditar em uma vida melhor, a não ser essa que levava com seu esposo que lhe trocara por outra. MONTELLO (1996, p. 35):

Nunca Mestre Severino tinha visto uns seios como os da Vanju, rijos, altos, mamilos pequeninos, e que agasalhara enlevado na concha das mãos felizes, com a impressão de lhes sentir a palpitação sensual. Nem se recordava de outra cintura como a dela, de curvas tão suaves, o umbiguinho quase ocluso, quadris cheios, o risco leve de uma cicatriz por cima do sexo, as coxas unidas, talvez um pouquinho grossas, logo resvalando docemente para os joelhos, toda a nudez envolta pela tez de tom uniforme, mais róseo que moreno queimado, sem uma só mancha, o pêlo macio a arrepiar-se de leve quando seus dedos viris deslizavam sobre ele no impulso irreprimível de uma carícia.

Era muito dolorido para esta mulher ver que seu marido lhe trocou por uma moça mais nova cheia de vaidades, Vanju era totalmente o seu contrário, era uma mulher de pele morena e macia, cabelos pretos, cintura fina era de uma beleza para ninguém colocar defeito, mantinha uma vestimenta de puro luxo, coisa que Lourença nem em seus melhores sonhos poderia lhe imaginar usando tal traje assim.

Para mestre Severino, Vanju era a mulher dos sonhos, quando resolveu se casar com ela passou por cima de todo o seu tradicionalismo, sabe por quê? A mulher por quem ele acabara de se apaixonar era uma meretriz, uma mulher sem caráter nenhum diante a sociedade da época, não seguia os mesmos costumes que o barqueiro tanto propagava. O velho barqueiro estava mesmo era apaixonado pela moça que tinha conhecido na capital, pelas curvas e pelo corpo belíssimo que a moça possuía, ficou tão abismado com a aparição dessa mulher em sua frente, que no desenrolar da história ele até se questiona sobre a mulher que Lourença é, para ele, não poderia voltar a ter e a amar sua esposa de casa depois de ter se debruçado sobre o corpo de sua atual pretendente.

Na realidade, Lourença era vista como a serviçal da casa, vivia limpando e cuidando da casa e até da nova rival que não sabia fazer nada de serviço doméstico, a única coisa que sabia fazer muito bem era passar o dia se embelezando e folheando revistas até se cansar.

Através das seguintes citações do livro da obra Cais da Sagração nota-se que a personagem analisada era um ser humilde e que, acima de tudo, dava o máximo de si para que tudo saísse bem dentro de casa, momento algum repreendia seu marido e nem fazia confusão a respeito das situações que ele ocasionava dentro de casa,

sempre acatou os desejos do marido, buscando sempre a harmonia familiar, não se vestia e nem era mais jovial como sua rival, mas seus deveres de dona de casa eram realizados com muita responsabilidade, arrumava a casa e cozinhava muito bem, foi até ela quem preparou um jantar delicioso para a chegada de sua mais nova companheira de lar. Montello (1996, p. 53):

Viera para ali mocinha, cheia de corpo, os seios rijos, a pele fresca, muita luz nos olhos, e agora começava a envelhecer, já transpostos os trinta anos, quase sem gosto para se arrumar todas as tardes, o fastio das festas, a tendência para matutar sozinha, de mão na ponta do queixo, sempre que Mestre Severino tardava a regressar de São Luís.

Lourença sofria calada e vivia a se comparar com a novata que acabava de adentrar sua casa, a moça era jovem e bonita, enquanto ela já estava quase na casa dos trinta anos, toda essa elegância de Vanju de algum modo mexia com o seu psicológico, pois seu marido já estava fascinado por essa tal moça a ponto de casar às pressas e a levar para dentro de casa uma em tão pouco tempo de conhecimento com ela. Severino transformou Lourença em uma serviçal que antes só servia a ele e agora até mesmo sua mais nova esposa.

O amor pode ter tomado conta do coração dessa moça que faz de um tudo para satisfazer as vontades de um homem machista, não só o amor, mas o contexto da época em que ela vivia prezava muito por uma educação em que a mulher se tornasse submissa aos seus maridos logo após o casamento. As mulheres daquela época não tinham outra escolha, como aparece em uma citação anteriormente, Lourença morava com um pai que lhe batia, logo depois passou para a companhia de seu atual marido, o barqueiro que continuou as opressões, a única diferença era que ela não apanhava de Severino, mas em troca sofria humilhações diariamente com tais comportamentos do barqueiro.

Por isso, para ela, não foi nenhuma novidade o tratamento que ela recebia de seu atual companheiro Severino, nota-se que Lourença tinha uma personalidade simples e acatadora perante todas as situações rotineiras, a vida que ela teve antes dela chegar vir a morar com Mestre Severino fez com que ela se tornasse um ser submisso, sólido e infeliz.

8.1 Análise comportamental das atitudes da personagem Lourença dentro da obra Cais da Sagração

Uma personagem muito submissa chamada Lourença chamou a atenção dos leitores a respeito de sua forma de agir dentro da trama, a mesma era acatadora de todas as ordens de seu marido sem restrições e ao desenrola do enredo as, coisas só pioram para ela, a moça que vivia sobre o teto de seu marido acatando todas as suas ordens mais à frente começa a ter que servir também a sua mais nova rival, assim chamada a mulher com quem seu marido a traiu e que logo Severino traz para morar consigo na mesma casa onde residia com seu marido.

A moça possuía certas atitudes que chegavam a ser humilhantes para ela e que fazem até o leitor se indignar com as ações praticadas por ela, sabe quais foram as ações? Vamos começar a Alencar agora.

A primeira atitude que essa personagem tem na trama é logo no começo, quando descobre que seu marido havia arranjado uma mulher na capital do Maranhão e que ele já estava de plano se casar com essa moça e trazê-la para morar dentro de casa junto com ela. Lourença se entristece, fica muito magoada, mas no final acata a decisão de seu marido Mestre Severino. Olha só a resposta que essa moça recebe de seu marido, ainda iludida pensando que o casamento que ele falara seria com ela. MONTELLO, Josué (1996, p. 51) “- Só tem é que não é com você que eu vou casar. É com uma dona que eu conheci em São Luís nesta viagem e que vai vir comigo, de papel passado, para morar aqui”.

A reação de toda mulher se tratando de tal situação mostrada na citação acima seria de total escândalo, pois nenhuma mulher deixaria barato uma traição dessas, e ainda mais da forma como Severino lhe dá uma notícia horrível dessas, isso mostra ele como um verdadeiro idiota e machista, não pensou nem um pouco no sofrimento dessa moça que estaria ali dentro de sua casa lhe acompanhando por longa data, se fosse outra teria ido embora perante toda situação, mas na verdade ela nem se exaltou e nem reclamou. Sabe o que ela fez? Sofreu calada enquanto preparava a casa para a chegada de sua mais nova companheira de lar, pois continuou a viver com o Mestre, não como segunda esposa, mas sim como empregada da casa. MONTELLO, Josué (1996, p.52):

E foi ela própria que preparou a casa, com dois dias de antecedência, para receber a outra, que ia ficar agora no seu lugar. Pôs uma colcha bordada na

cama da alcova, um pano de croché na mesa de jantar, areou os talheres até ficarem espelhando, limpou os móveis, preparou os doces para as duas compoteiras de vidro do aparador, e ainda temperou a galinha de cabidela, o leitão de vinha d'alhos e o arroz de forno dourado, com rodela de lingüiça e paio, que sabia fazer como ninguém. De vez em quando parava tudo, como se não quisesse mais prosseguir, e ficava a um canto, de braços cruzados, olhando a esmo, o coração apertado com vontade de chorar. Acabava reagindo, e retomava o trabalho, suspirando.

Essa foi a atitude muito humilhante para esta moça, já pensou você descobrir que foi traída pelo seu marido e ainda ter que preparar um jantar espetacular para a futura mulher de seu marido? Pois é, foi isso que Lourença fez, preparou um jantar com todo o rigor, fez uma de suas melhores receitas para receber a Vanju, a mulher com quem seu marido a traiu e ainda preparou o quarto e arrumou toda a casa para ser entregue a ela, pois dali adiante passaria de dona da casa para ser uma mera empregada do mais novo casal (Vanju e Severino).

Mesmo com toda situação, Lourença sofria calada sem dizer uma sequer palavra contra Severino, ali naquele momento ela poderia gritar, chorar e espernear, mas não foi isso que fez, ficou sofrendo em silêncio para que não transparecesse toda a sua angústia e sofrimento ali na frente do barqueiro, não se sabe de onde esta moça tirara tanta força para aguentar tanta decepção assim, ela ainda justifica que seu marido a traiu por culpa dela mesma, por ela não ter engravidado e dado para ele o filho que ele tanto queria. Sabe-se que isso não justifica traição alguma, o homem deve acima de tudo respeitar a mulher a quem escolhe para lhe acompanhar durante a vida.

Ainda tem mais e muito mais, as coisas tendem só a piorar com a chegada de Vanju. Lourença não era uma mulher vingativa e muito menos rancorosa, ela apenas queria ter uma vida simples e poder formar uma família ao lado do barqueiro, coisa que não era possível até então, se sentia incapaz por não poder engravidar e isso lhe causava tristeza. “No entanto, não era ódio o que a Lourença sentia latejar dentro de si, sobretudo nessas ocasiões, e sim uma inveja sem maldade, mero desejo natural de ser a outra, só para continuar dona da casa, submissa às vontades e caprichos de Mestre Severino” (MONTELLO, Josué, 1996, p. 55).

Isso acontece quando Lourença pergunta para Severino o que ia ser dela dali pra frente, já que ele estava trazendo outra mulher para morar com ele em sua casa, logo o barqueiro responde que, se ela quisesse ficar junto com eles, não teria nenhum problema, poderia ficar. Ela preferiria ficar ali na mesma casa que seu ex-marido e

sua amante para continuar sendo dona de casa de que ter que perder a companhia de Severino, servindo-o e sendo submissa as suas vontades, não queria perder o posto de dona de casa. Sem contar que com o passar dos dias a convivência entre as duas estava ficando tensa, pois Mestre Severino viajava em seu barco para trabalhar e enquanto isso ficava as duas dentro da mesma casa, Lourença fazia tudo dentro de casa e não dava uma palavra com sua rival, isso fez com que Vanju implorasse para que Lourença desse ao mínimo uma palavra com ela, já que ficava entediada o dia todo sem ter alguém para conversar. MONTELLO, Josué (1996, p. 54):

Por que é que você insiste em não falar comigo? - perguntou Vanju, estendendo sobre a almofada a sombra de seu corpo - Somos só nós duas dentro desta casa e eu preciso ter alguém com quem conversar. Quando lhe pergunto as coisas, você resmunga, mexe os ombros, espicha o beijo, aponta com o dedo, e nunca me fala.

Daí percebe-se a audácia de Vanju e a fragilidade de Lourença, além de ter que cuidar da casa, ceder aos caprichos de seu ex-marido, ainda teria que dialogar com esta novata que acabara de chegar a sua casa como se fossem duas amigas, não era fácil para esta moça ter que conviver com sua rival, mas ela fazia tudo o que podia para manter uma boa relação com a nova formação familiar com quem ela convivia diariamente. Por isso, evitava trocar olhares e até mesmo dialogar com a nova moradora da casa. Mas isso estava se tornando complicado a cada dia, já que Severino vivia a viajar para o litoral de barco e as duas conviviam diretamente dentro da mesma casa, uma hora teriam que dialogar. Para Lourença, não era nenhum sacrifício não ter que falar com Vanju, pois ocupava seu tempo nos afazeres domésticos enquanto a moça refinada passava o dia folheando revistas, passava tanto tempo olhando revistas que este hobby se tornou enfadonho para ela a ponto de querer dialogar com Lourença para lhe tirar o tédio.

O grande desejo de Lourença era engravidar e dar um filho homem para seguir a tradição de dono de barco que o barqueiro tanto almejava antes de morrer, no entanto esta moça se sentia muito mais triste com a notícia da gravidez da mais nova esposa de Severino, pois ali ela via Vanju realizando um desejo seu que até o momento nunca haveria sido realizado. MONTELLO, Josué (1996, p. 58):

Por isso, quando a Vanju apareceu com os primeiros enjôos, pálida, uma beleza nova nos olhos pisados, Mestre Severino não teve dúvidas de que ela trazia no ventre o esperado barqueiro que a Lourença não lhe dera. Daí por

diante, até à madrugada do parto, ele encheu a sua imaginação radiante com a adivinhação do filho, cercando a Vanju de cuidados excessivos, a ponto de nunca mais ter-se deitado com ela.

Mestre Severino passou a encher sua amada de carinho, amor e muito cuidados, cuidados estes feitos por Lourença, pois foi ela quem cuidou de Vanju do início ao fim de sua gravidez, era muito doloroso ter que cuidar da atual mulher de seu marido e ainda mais do mais novo membro da família, a criança que estava por chegar, e como Vanju não sabia fazer quase nada, inclusive cuidar de criança, no fim sobraria para Lourença todo esse trabalhão. MONTELO, Josué (1996, p. 61) “- É você que vai criar minha filha. Eu sou a mãe, mas não tenho jeito. Você tem, e muito: a gente vê isso toda hora, principalmente na hora do banho. Nem pegar na menina eu sei: parece que o nenem vai se quebrar no meio quando está na minha mão. Você, não: você sabe”.

Vanju realmente não servia para ser dona de casa e muito menos para ser mãe, nem sequer segurar sua própria filha sabia, Lourença como sempre, mulher do interior, que sabia fazer de tudo, teve uma educação que a levaria mais tarde a ser uma boa dona de casa e era isso que sabia fazer muito bem sem defeito algum, fazia tudo com muito gosto. A outra como tinha uma vida bem excitante na capital, trabalhava como prostituta e vivia automaticamente disto, não sabia fazer nada de serviço doméstico e muito menos cuidar de criança.

Logo depois, Vanju conversa com Mestre Severino e decidem sem mesmo comunicar a mulher traída antes, sabe qual foi a decisão do casal? Daquele dia em diante. eles passariam Mercedes, a filha recém-nascida deles, para o quarto de Lourença, para que eles se sentissem mais à vontade no quarto do casal e pudessem ter mais privacidade sem que a criança pudesse os incomodar. Sem restrições, ela acata as ordens e leva a criança para ficar consigo em seu quarto e assim manter sobre a criança todos os cuidados possíveis que uma criança deve ter.

Com a notícia de que a criança agora passaria a dormir em seu quarto, o público espera uma posição mais justa por parte de Lourença, mas sabe qual foi sua atitude? MONTELLO, Josué (1996, p. 62):

Sempre calada, a Lourença nada lhe disse; mas, ainda com a luz do entardecer, trouxe da alcova o berço da menina, acomodou-o no fundo do quarto, fora do alcance da fresta da janela por onde o vento esfuziava nas horas de temporal. E à noite, quando se viu a sós com a criança, passou a

chave na porta, pôs a menina nos braços, agasalhando-a no calor de seu corpo, e adormeceu-a no rem-ram da rede, cantarolando baixinho.

Uma pessoa de personalidade assim é difícil de encontrar, Lourença era de tudo um pouco e não tinha nada de reclames, fazia tudo de bom gosto para agradar Severino, conseguia ser uma mulher perfeita, coisa que o barqueiro não conseguia enxergar, pois estava cego de amor por Vanju e pelo desejo de ter um filho homem para poder prosseguir a tradição da família, que era deixar um herdeiro para a bonança, o barco da família que vinha passando de geração para geração. Onde já se viu atitudes assim vindo de uma mulher traída? Se fosse outra, teria saído de casa ou teria arrumado um barraco com a amante e nem teria aceitado segurar o fruto da traição, imagine criar, que foi o que ela fez no desenrolar da trama. Mercedes era mais filha sua do que da própria mãe biológica.

A cada momento da trama Vanju vinha trazendo mais notícias inesperadas para a ex de seu atual marido, quando os leitores pensam que a reação desta moça seria rigorosa, acaba sendo totalmente o contrário. Vanju pede a Lourença que ela leve Mercedes até a igreja no dia do seu batizado, dizendo ainda que ela seria a madrinha de carregar, pois a de batismo seria a que fez o parto da criança, essa decisão teria sido decidida por Vanju e Severino novamente sem comunicar ou saber antes se a mesma aceitaria tal posição. Lourença correspondeu a esse pedido de uma forma inesperada, sem dizer sim ou não, no mesmo dia que recebera essa notícia, começou a tecer a roupa que iria usar no batizado, e lá estava ela com Mercedes no braço a caminho da igreja. Montello (1996, p. 62):

Ao longo do caminho, com a criança protegida do sol pela sombrinha que a Comadre Noca levantava, Lourença não se cansava de sorrir para um lado e para outro, recolhendo em silêncio o carinho do olhar alheio que a Mercedes ia inspirando com a sua carinha de lua cheia. Sentia-a sua, como se fosse mesmo a mãe verdadeira, e aconchegava-a bem contra o peito magro, docemente de novo em paz com o mundo e a vida - embora continuasse calada.

Esta criança recebe tanto amor de Lourença, que parece ter sido gerada por ela, já era uma excelente dona de casa e agora como mãe era ainda mais dedicada, cuidava tão bem de Mercedes, coisa que Vanju jamais saberia fazer, o que estava por traz dessa mulher que se contentava com tudo e sempre dando o seu melhor em tudo o que fazia? Como já foi dito anteriormente, esta moça queria apenas um lar e uma

família para chamar de seus, tinha um grande desejo de se tornar mãe e assim poder realizar o desejo de seu marido de ser pai de um menino, como isso não pode se profetizar estava ela ali sendo mãe de Mercedes, o fruto de seu ex-marido com outra mulher, mesmo com toda situação nunca tratou a menina com indiferença, pelo contrário cuidava da criança como se fosse sua, dava para ver a felicidade em seus olhos quando se direcionava a criancinha. Montello (1996, p. 62):

Pelo resto da vida Lourença se lembrará da tarde do batizado, principalmente do calor da Mercedes em seus braços, rechonchuda e rosada, os olhos vivos da mãe, as mãozinhas vermelhas, a cabecinha envolta pela touca de renda, a camisola também de renda enfeitada por uma fita cor-de-rosa nas mangas e na barra. Infelizmente a igreja estava quase vazia, embora fosse domingo.

Cuidar da menina Mercedes nunca foi um trabalho para Lourença, ela amava esta criança, mesmo que sentisse muita inveja de Vanju por ter engravidado de Severino, seu ex-companheiro de vida, o homem com quem sonhava em ter um filho e por não conseguir engravidar e realizar seu desejo e do seu marido se sentia muito culpada, contudo, não conseguia odiar sua rival e muito menos a criança. O dia do batizado da menina Mercedes foi tão importante para Lourença, que esse momento ficou marcado para sempre em sua memória, a forma como ela cuidava desta criança era de causar inveja em outras mães. Passagens do livro mostram ela trocando a fralda da criança, acalentando-a para dormir, sem contar que foi ela quem levou a menininha até a igreja como mostra em uma citação anterior, a caminho da igreja a menina estava sob o olhar de Lourença, que não parava de admirá-la, olhando seus mínimos detalhes e se sentindo a própria mãe da criança.

Quando Vanju diz à rival que é ela quem vai levar sua filha até a igreja no dia do batizado, a ideia é que a mesma negue, o que seria normal diante a situação em que lhe é colocada, mas mesmo sem responder ou indagar naquele momento, estava lá a ex de Severino dando passos lentos e leves com a pequenina nos braços, sorrindo para a criança a todo momento a caminho da igreja.

Com o passar dos tempos, Severino desconfia da fidelidade de sua atual esposa e resolve matá-la, leva a moça até o mar e a mata afogada, para ele, isso seria como limpar sua honra diante os valores da sociedade da época. E lá estava sua ex-companheira de vida, Lourença, agasalhando o corpo daquela que acabara de ser morta pelo barqueiro por ira da traição que nem ele mesmo tinha certeza de tal infidelidade. Montello (1996, p. 64):

- Ai Jesus, que foi isso?

E foi ela, Lourença, de olhos crescidos, quem trocou sozinha a roupa molhada da outra, e acabou de lhe cerrar as pálpebras, e lhe cruzou as mãos frias em cima do peito, na cama da alcova, sem esquecer de pôr o crucifixo à sua cabeceira, ladeado pela chama de duas velas compridas, enquanto Mestre Severino chorava a um canto, o rosto escondido nas mãos.

E ainda sobrou para Lourença ter que agasalhar o corpo de Vanju que estava ali posto à sua frente sem mais vida, como mostra a citação acima, ela teve toda uma performance e arrumou o corpo da outra com todos os detalhes possíveis que um morto poderia receber, desde as mãos sobre o peito, velas acesas, até o crucifixo sobre a cabeceira da cama onde se encontrava o corpo da defunta foram organizados. Severino foi preso por vinte e três anos, enquanto isso Lourença vivia sozinha na casa e lembrando que a casa que um dia tinha pertencido a ela estava pertencendo novamente, ia de duas a três vezes visitar Severino na cadeia, pois reconhecia que ele estava ali preso, mas continuava sendo seu.

Mercedes no desenrolar da história engravida do barqueiro Pedro, que logo depois é dado como morto por sair de barco em alto mar e nunca mais ter voltado.

O amor de Lourença por Mercedes era tão grande que até no momento do parto desta moça ela estava presente e ajudando em tudo que fosse possível para que o parto saísse como manda o figurino, tinha uma grande preocupação com essa menina. Montello (1996, p. 68):

A Lourença tirou do armário o vidro de álcool, deixou-o no mármore da cômoda. Em seguida, sempre calada, acendeu uma vela aos pés da imagem de Nossa Senhora do Bom Parto. E antes de apagar a chama do fósforo:

- Vai ser rápido, você vai ver – animou-a.

Lourença ficou a todo o momento ao lado de Mercedes durante seu parto e lhe deu todo o suporte possível para a chegada da criança, preocupou-se muito, enquanto Mercedes estava se lamentando por causa das contrações, acendia as velas sobre a santa e pedia para que tudo saísse bem durante o parto. A menina se sentia muito confiante por ter uma mulher como esta no lugar de sua mãe, que por sinal cuidava dela. Ocorreu tudo bem e sobre ela não tinha nada do que reclamar, as duas se davam muito bem, no final, Vanju teria dado a Lourença a filha que ela sempre desejou ter.

Em alguns relances em que Mercedes estava sentindo fortes dores, mostra a cumplicidade entre ela e sua mais nova mãe. “Depois, respirando fundo, levantou as pálpebras, voltou a caminhar, ora a se apoiar num móvel, ora numa parede, reprimindo os gemidos. No intervalo das dores, sorria para a Lourença, que não a perdia de vista, ocupada em preparar tudo em seu redor para a hora do parto” (MONTELLO, 1996, p. 69). Durante o trabalho de parto, Lourença via ali certa cena se repetir, sabe qual? A do dia em que Vanju deu à luz a pequena Mercedes, ela assistia ao parto e via naquela menina a mãe que não estava mais presente em sua vida.

Mesmo com a morte da meretriz, Lourença não se desfez dos objetos da moça, ela conservou tudo e deixou tudo em seu devido lugar, como sempre esteve enquanto a moça viveu por ali. MONTELLO, Josué (1996, p. 69):

Sem alarde, caladamente, Lourença havia conservado na casa as lembranças da Vanju. Seus vestidos, seus perfumes, seus sapatos, seus lenços de seda, suas velhas revistas, sua sombrinha de cor, sua caixa de costura, seus anéis e seus colares, tudo ela guardava para a Mercedes, sem lhe tocar numa peça, nem lhe trocar um alfinete, como se cada coisa constasse de uma relação de inventário. Também conservou no seu lugar na parede da sala o retrato da Vanju com o marido, do dia em que se tinham casado em São Luís. Muitas vezes teve a impressão de revê-la à porta de seu quarto, com o riso derramado que lhe tomava todo o rosto.

Nota-se aí a forma como essa moça agia durante a trama, ela possuía atitudes fora do normal, aceitou a traição, recepcionou sua rival muito bem na chegada em sua casa, cuidou da criança que seu companheiro teve com esta moça, tratando-a como filha e no final ainda ajudou a criar o neto de Severino, fez tudo isso com muito amor e satisfação, na verdade ela amava o Mestre Severino, mesmo ele sendo preso e fazendo tudo o que fez com ela, a mesma o esperou e juntos continuaram a vida de sempre. Ela tinha por ele um amor que chegava a desafiar todos os limites, esse capaz de mover barreiras se possível fosse.

9 UMA MULHER SUBMISSA E SÓLIDA: LOURENÇA ENTRE O AMOR E A DÍVIDA DE UMA GRATIDÃO

Como vem se falando em todo o desenrolar da análise, Lourença era uma mulher submissa às vontades de seu marido, acatava sempre com muito rigor as ordens que lhe eram passadas, nunca desafiara seu marido e nunca deixara nada a desejar, era uma verdadeira dona de casa, a única coisa que ela ainda não conseguia se satisfazer era realizar seu desejo de ser mãe, mesmo com muito tempo morando com o barqueiro ainda não tinha conseguido engravidar e por isso vivia a se culpar a todo instante. E por seu marido ser um homem machista e tradicional sobre a época em que viviam, não entendia a tal situação de sua mulher e por isso acaba arranjando outra, se casando e trazendo para ocupar o lugar de sua mulher dentro de sua casa, assim tendo que conviverem as duas na mesma casa.

A submissão do homem sobre suas mulheres eram muito recorrentes nos séculos passados, e esta questão da submissão era muito valorizada pelos mais velhos da época, os mais velhos presavam o tradicional, onde a mulher devia servir seu marido em tudo e acima de tudo, pois de acordo com essa sociedade a mulher, ao se casar, deveria se tornar uma dona de casa, cuidar do marido e se tornar mãe de família, acatando sempre as ordens do seu marido, pois ele era o dono da casa e chefe da família. Beauvoir (2017, p. 276) “A burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina”.

Por muito tempo o homem se sentiu e ainda se sente superior à mulher, mesmo com o passar dos anos muitos homens ainda mantem suas mulheres sobre suas ordens, humilhando-as e até mesmo matando-as quando fazem o contrário do seu dito e quando resolvem se libertar de tal opressão.

A personagem analisada agia sobre os comandos de seu marido, a princípio, ela deixa bem claro que não poderia reclamar da vida que levava com o barqueiro, pois não vivia muito bem sobre a companhia de seu pai e foi Severino que a tirou-a da vida infeliz que ela levava. Montello (1996, p. 52):

Lourença queria queixar-se, no teimoso esforço para se compenetrar da injustiça da sorte; mas logo reconhecia que não era direito. Dos dois, pensando bem, quem tinha culpa era ela. Mestre Severino dera-lhe casa, dera-lhe comida, dera-lhe roupa, dera-lhe carinho, tirara-a das mãos do pai que lhe batia, e a verdade é que ela não lhe tinha dado, ao fim de tantos anos,

o filho que ele sempre deixava dentro dela, à noite, quando voltava das viagens.

Na citação mostra o quanto ela é grata a Mestre Severino por tê-la tirado da casa de seu pai, ter lhe dado uma casa para morar, comida, roupas e carinho, apesar de todas as submissões ela se sentia feliz ao lado de Severino. Em uma certa passagem da obra em questão até confessa que apanhava de seu pai, e por não ter que conviver mais com ele e agora está sobre as ordens de seu marido se sentia muito aliviada, percebe-se que ela se sentia muita gratidão a ponto de dizer que mesmo seu marido traído ela, a culpa maior era dela, pois para ela Severino já teria feito muita coisa ao seu favor e em troca a mesma ainda não teria lhe dado nada, nem o filho que ele tanto queria.

A personagem analisada se culpava muito, era como se ela vivesse a todo o momento em uma dívida com o barqueiro por conta de ele a ter lhe tirado de um lugar onde ela sofria muito, e por conta disto vivia se sentindo culpada pela traição do marido. Fernanda Maria Palhares et. Al (2011) “Aquele que recebe um benefício (presente, favor, ajuda, etc.) sente uma satisfação, uma alegria, e divide essa alegria com o seu benfeitor. Em outras palavras, a pessoa grata reconhece que a sua satisfação se deve, ao menos em parte, ao outro”.

Mas além da dívida que ela achava que tinha com o barqueiro, existia ali também o amor por parte dela, um amor companheiro, pois ele mesmo nunca a amou, o que ele almejava nela era poder realizar seu desejo de ser pai de um menino e levar adiante a tradição dos homens de sua família, que era passar de geração para geração o Bonança, um barco que já estava sobre os seus comandos e que ele queria entregar-lhe nas mãos de seu filho antes de morrer.

O amor fez de Lourença um ser submisso, pode até não ter amado Severino quando ele a tirou da casa de seus pais, mas com o passar dos anos foi aprendendo a amá-lo, ele até a tratava bem, só que com o passar dos anos ele via que Lourença não conseguia engravidar e a trocou por outra, tratando a outra como uma rainha e desprezando-a a cada instante dentro de casa.

Lourença amava muito Mestre Severino, a ponto de sobreviver a tudo o que viveu ao lado dele, o barqueiro nunca demonstrou amor por ela, quando percebeu que nela não poderia realizar seu desejo de ser pai, foi à procura de outra e com isso se depara com Vanju, uma prostituta muito bonita e vistosa que residia na capital do

Maranhão, apaixonado por esta moça acaba se casando e vendo nela a possibilidade de ter o filho homem que ele há muito tempo almejava. Aí se percebe a indignação dele por Lourença não poder lhe dar um filho. “Por isso, quando a Vanju apareceu com os primeiros enjôos, pálida, uma beleza nova nos olhos pisados, Mestre Severino não teve dúvidas de que ela trazia no ventre o esperado barqueiro que a Lourença não lhe dera” (MONTELLO, 1996, p. 58).

Nesta citação de Montello (1996, p.58), observe só a comparação que Severino faz quando descobre a gravidez de Vanju relacionando-a com sua antiga mulher que não era fértil, ele estava à procura de uma mulher que pudesse lhe dar filhos e a Lourença estava ali pronta para lhe dar acima de tudo o seu legítimo e puro amor que seu marido desprezava. MILAN, Betty (2018):

Se, pelo fato de ser narcísico, o amor provoca a desavença, pelo mesmo motivo procura evitar a ruptura e leva à submissão. No ser do amado realiza-se o do amante, que, sem aquele, ficaria despojado de si mesmo e não quer pois se separar.

Esta moça se prestava a tantas situações que eram de causar muito estranhamento, sempre muito acatadora de ordens, sem muita preocupação consigo mesma, estava sempre a agradar seu marido, nem que para isso custasse sua felicidade, aliás, a felicidade dela era ver a felicidade de Severino, para tê-lo do lado era capaz de enfrentar as piores humilhações possíveis. Que tipo de mulher era esse que não tinha amor próprio e vivia todo momento se submetendo a tantos papéis que desvalorizava ela como mulher? Uma mulher apaixonada que tinha dentro de si um amor que a estremecia, tinha um grande sentimento pelo barqueiro Severino, que até mesmo sendo preso ela ainda ia visitá-lo duas vezes por semana. MONTELLO (1996, p. 64) “Certo, reconhecia, faltava-lhe o companheiro: mas a verdade é que, como mulher de barqueiro, estava de algum modo afeita às suas ausências. Duas vezes por semana, pelo meio da tarde, ia vê-lo na Cadeia. E de si para si também reconhecia que ele estava preso, mas era seu”.

Na citação acima mostra, como Lourença se sentia prazerosa em poder voltar a ser a mulher de Severino novamente logo após a morte de Vanju (morta afogada pelo barqueiro), mesmo ele estando preso, ia visitá-lo contando vantagem, pois, para ela, não importava se ele estava preso, mas sim que ele tinha voltado a ser seu

novamente assim como sua casa teria voltado a ser sua depois da morte de sua rival, reconhecendo que o barqueiro estava preso, mas que continuava sendo seu marido.

Muitas mulheres sofrem em seus casamentos por conta de amarem demais e estarem insatisfeitas com a retribuição amorosa por parte do homem, essa é uma realidade muito comum existentes em alguns relacionamentos, às vezes existe amor por parte do homem e não da mulher, como também pode ser o contrário, mas também existem o caso daquelas mulheres que apenas amam sem se preocupar se haverá ou não um retorno amoroso da parte de seu companheiro, para algumas o importante é estar ali ao lado de seu amado sem qualquer reclamação do amor recíproco, que é o caso da personagem que está sendo analisada. MONTELLO (1996, p. 55) “No entanto, não era ódio o que a Lourença sentia latejar dentro de si, sobretudo nessas ocasiões, e sim uma inveja sem maldade, mero desejo natural de ser a outra, só para continuar dona da casa, submissa às vontades e caprichos de Mestre Severino”.

Referente à citação anterior, esta moça preferiu ficar no lugar de amante sendo a outra do que se separar definitivamente de seu marido, resolveu ficar nesta condição só para não perder seu posto de dona de casa, pois ele mesmo trocando-a por outra ela continuaria ali nos afazeres da casa, servindo de empregada para o mais novo casal e assim poderia ficar ali sobre as ordens de Severino, continuando a ser submissa aos caprichos dele.

O amor que Lourença sentia por Severino era um amor altruísta, incondicional (Ágape), aquele capaz de sacrificar sua felicidade para fazer o outro feliz, doando-se completamente, sempre se preocupando e cuidando daquele que ama sem esperar nada em troca daquilo que pratica. Era este tipo de amor que a personagem analisada se mostrava ter pelo seu marido, foram muitas as ações realizadas por ela que ficaram evidentes à preocupação, e a forma de amar dela em relação ao barqueiro por quem ela se sacrificava com gosto para vê-lo satisfeito. MACCARINI, Renato Moretto e HAUER, Ricardo (2006, p. 5):

Ágape (composto de Estorge e Eros): Os cuidados com o parceiro e a preocupação em auxiliá-lo a resolver seus problemas são centrais nesse estilo de amor. É considerado que existe ausência de egoísmo nesse tipo de amor. Afirmção típica de quem tem esse estilo de amor: “Eu prefiro sofrer a fazer o meu amor sofrer”.

Isto acontece a todo o momento na obra *Cais da Sagração* com a personagem Lourença, esta moça coloca sempre os desejos de seu marido à frente dos seus, nunca sequer ao longo da narrativa se vê Severino realizando algum desejo seu, estava sempre pronta a receber ordens e a obedecê-las, nunca se via ela zangada ou com rancor do barqueiro, pelo contrário, ficava lisonjeada por poder se submeter a todas suas vontades quaisquer elas que fossem, vivia um amor ágape por parte sua, vivia com e por Severino, sua satisfação era vê-lo realizado, nem que para isto lhe custasse sua felicidade e uma vida inteira de humilhação e sofrimento. KIERKEGAARD, 2005, p. 234 apud MACHADO, Edson Francisco, 2014:

É algo esquisito que uma pessoa não busque o seu interesse pessoal, é esquisito que não devolva as injúrias; é algo esquisito e embaraçoso que perdoe seus inimigos e quase se preocupe em saber se fez o suficiente em favor de seus inimigos, é esquisito que esta pessoa sempre se coloque na posição errada, jamais onde há vantagens em ser corajoso, altivo, desinteressado: tudo isso é esquisito, afetado e meio maluco, em suma: algo que se pode rir, quando alguém, mesmo sendo mundo, está seguro de, como cristão, estar de posse da verdade e da felicidade, tanto aqui quanto lá em cima.

Assim agia a personagem analisada, não amava a si próprio, mas sempre estava ali pronta para servir o próximo, e a todo tempo querendo fazer de tudo para agradar a quem estivesse ao seu lado, vivia em prol da felicidade das pessoas com quem convivia diariamente, cuidando e amando na medida do possível, esse tipo de amor acabou chamando a atenção de muitos críticos e fazendo com que alguns até duvidassem deste tal de sentimento, que para eles eram impossível alguém amar outra pessoa incondicionalmente.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada trouxe grandes resultados acerca do tema escolhido para a abordagem, que foi uma análise da construção da identidade da personagem Lourença da obra *Cais da Sagração*, do escritor Josué Montello. Esta pesquisa teve como intuito desvendar os fatores que contribuíram para a formação da identidade e da personalidade desta mulher submissa e assim poder estar elencando os componentes os quais a fizeram se tornar uma personagem submissa e sólida como aparenta ser no decorrer da trama a qual participa.

A análise aponta o contexto de construção, ou seja, os elementos que serviram de base para formação da personalidade da personagem Lourença até o momento que ela chega a companhia de Severino (Seu marido), e junto com esse contexto elencando alguns fatores cruciais que tornam dela esse ser submisso e sólido, capaz de amar o próximo e esquecer de si, foram estes e outros comportamentos estranhos que fizeram com que se voltasse o olhar para esta personagem, tornando-a fruto de uma análise. Procurou-se fazer uma análise em toda a sua totalidade, e em todos os aspectos desta mulher submissa, chegando assim a uma melhor compreensão para o leitor que busca entender tais reações praticadas por ela dentro da trama.

Todas as hipóteses levantadas foram confirmadas através de teorias e de próprias citações encontradas no livro a qual pertence a personagem, foram bem explícitos em detalhes para que não haja dúvidas no leitor, pois a meta é trazer respostas e com elas soluções para os questionamentos levantados.

A personagem foi bem explorada no decorrer da análise, mas ao fim todos os questionamentos levantados nas hipóteses foram solucionados e bem sucedidos. A submissão, a solidez e o amor incondicional pelo marido realmente existiam sobre ela, mas o melhor foi justificar nesta pesquisa o real sentido das ações desta moça, os resultados foram surpreendentes.

Para realizar esta análise, buscou-se muitas leituras, tanto da obra analisada, quanto de outros teóricos que adentravam na obra pela suas especificidades, encaixando-se perfeitamente no contexto e no assunto a ser discutido durante a pesquisa, estas são fontes indispensáveis para tornar-se um trabalho rico em valor científico, por isto, foram de grande importância teórica para esta pesquisa.

Os resultados encontrados nesse trabalho serão de grande satisfação para os leitores da obra em questão, pois com estes resultados compreenderão melhor todas as ações e atitudes praticadas por essa personagem dentro da trama.

Então, diante do tema proposto para análise, tentou-se buscar teorias que explicassem os questionamentos levantados e assim provar todas as hipóteses levantadas conseguindo alcançar todos os objetivos propostos para este trabalho e conseguir chegar a um resultado real e científico que mostrasse e trouxesse resultados e soluções possíveis para os apontamentos levantados acerca da problemática desse trabalho.

A construção da personagem Lourença como percebe-se foi se formando ao longo de seu percurso diário, para que ela se tornasse essa mulher sólida, fria e submissa esta moça passou por grandes humilhações, sofrimentos e principalmente desgostos e rejeições, não teve um pingão de amor durante todo esse tempo que viveu com o pai e muito menos do seu marido quando passou a conviver com ele, estas foram os principais fatores que tornaram Lourença uma mulher sólida e sem atitudes que beneficiasse a si mesma.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2017.

BOSI, Alfredo. **História da literatura brasileira**. 52ª ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira: Resumo para principiantes**. 3ª ed. São Paulo: Humanistas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração: romance**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MORAIS, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense: Uma abordagem contextual que leva em conta os fatores políticos, sociais e econômicos**. 3ª ed. São Luís-Maranhão: Edições Sioge, 1979.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940)**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/mullher%20seculo.pdf>. Acesso em 11 de Outubro de 2020.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira (Resumo para principiantes)**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/Iniciação%20%20Literatura%20Brasileira%20-%20Antonio%20Candido.pdf>. Acesso em 02 de Outubro de 2020.

CRISTINA, Luana; NASCIMENTO, Renata; SOARES, Gabriela. **Teorias da denominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória**. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/libertas/article/view/292>. Acesso em 04 de Outubro de 2020.

AMORIM, Elizabeth de Fátima. **Cais da Sagração e a sua tradução para o inglês: uma análise de elementos estruturais e culturais da narrativa**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/Elizabeth%20de%20Fátima-%20Cais%20da%20Sagração.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

CERQUEIRA, Larissa Agostini. **As contribuições do Modernismo para a Literatura e a Crítica Brasileiras**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/3508-9827-1-PB.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

GRATIDÃO: Um estudo longitudinal sobre o impacto pessoal e relacional. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3050/1/ulfp037537_tm.pdf. Acesso em 15 de Julho de 2020.

BIOGRAFIA DE JOSUÉ MONTELLO. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/josuemontello.htm>. Acesso em 16 de Agosto de 2020.

OLIVEIRA, Isabel Francisco de et al. **A educação das mulheres no século XIX: a contribuição de Nísia Floresta.** Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/mulher%20seculo%2019.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

PALHARES, Maria Fernanda. **Deve-se retribuir? Gratidão e dívida simbólica na infância.** Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n1/a10v16n1.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

PELLEGRINI, Tânia. **Moda Importada:** Introdução do Realismo no Brasil. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/286116511.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

PINTO, Ênio Brito. **Formação e Personalidade:** conceitos e orientações. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/formacao-e-personalidade-conceitos-e-orientacoes.pdf>. Acesso em 12 de Outubro de 2020.

RESENDE, Rafael de Serra de. **Trajetórias intelectuais e construção de identidades em “O Pantheon Maranhense” (1873 – 1875).** Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/Paantheon%20Antônio%20Henriques.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

MACCARINI, Renato Moretto; HAUER, Ricardo. **O amor Incondicional, Altruísmo e Egoísmo em universitários de Ciências Humanas de Curitiba.** Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/RenatoMoretto.pdf>. Acesso em 04 de Outubro de 2020.

MACHADO, Edson Francisco. **Amor, uma análise crítico-conceitual:** mitos, crises, ambivalências e sentidos. Disponível: https://www.revistadialogos.com.br/Dialogos_11/pdf/amor_critica_conceitual.pdf. Acesso em 02 de Outubro de 2020.

MILAN, Betty. **E o que é o amor?.** Disponível em: <http://p.download.uol.com.br/bettymilan/livros/pdf/e-o-que-e-o-amor.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.

SANTOS, Camila et al. **Mulheres Machadianas:** Submissão e resistência. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/17.pdf>. Acesso 05 de Outubro de 2020.

VANDERLAN, Júlio Flávio. **Romantismo:** A Formação da Literatura Brasileira. Disponível em: file:///C:/Users/Usuário/Downloads/ROMANTISMO-A-FORMAÇÃO-DA-LITERATURA-BRASILEIRA_júlio-flávio.pdf. Acesso em 01 de Outubro de 2020.

ZANELA, Adriana Agda. A **Epopéia Maranhense de Josué Montello**: Desvendando a Poética Montelliana em quatro romances. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/poética%20de%20Josué%20Montello.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2020.